

EDGE



POINT
DA NEVE

DE TIRAR

PIRINEUS - BAQUEIRA BERET - 42°42'N 0°56'E -
TEMPORADA 26/27

QUILÔMETROS E QUILOMETROS DE PISTAS DA MELHOR NEVE DOS PIRINEUS, PERCURSOS INTERMINÁVEIS, DESCIDAS VERTIGINOSAS. EM VALES ONDE SE VIVE A HISTÓRIA, A NATUREZA, A GASTRONOMIA, O AUTÊNTICO. UM LUGAR ONDE TUDO É PENSADO EM TORNO DO ESQUI, ONDE AS SENSACIONES ATINGEM SEU PONTO MAIS ALTO.

O FÔLEGO

É BAQUEIRA BERET:
PROVAVELMENTE O SEGREDO MAIS EXCLUSIVO,
O MAIS BEM GUARDADO, DOS PIRINEUS.



BAQUEIRA/BERET



DESTINO LENDÁRIO, EXPERIÊNCIAS ÚNICAS

Aberto de junho a setembro

www.skiportillo.com  Ski Portillo Chile  skiportillo



SKI PORTILLO



SUMÁRIO

Nesta edição da revista EDGE, selecionamos destinos incríveis, com histórias e dicas para inspirar suas próximas viagens.

012 NA BAGAGEM

O que vai na bagagem define muito do que acontece na montanha. Nesta curadoria, conforto, performance e inovação deixam de ser promessa e viram experiência real.



014 ENTREVISTA

Entre quase desistir e chegar às Olimpíadas, existe um território invisível de escolhas e reinvenção. Nesta entrevista exclusiva, Pat Burgener revela a virada que transformou dúvida em direção.

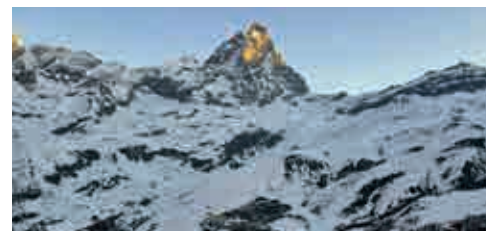
020 GASTRONOMIA

Do calor íntimo dos izakayas ao rigor silencioso do leilão de atum em Toyosu, esta experiência atravessa tempos da culinária japonesa. Um convite para observar, provar e compreender o que existe por trás de cada corte, cada espera e cada encontro ao redor da mesa.



026 MEGÈVE

Das primeiras luzes sobre os Alpes aos jantares sem pressa, Megève constrói sua identidade em pequenos gestos. Esta reportagem percorre suas ruas e história para mostrar por que, mais do que um destino, ela é um estado de espírito.



036 CERVÍNIA

Cervínia é movimento, um vale que convida a olhar para o alto. A experiência começa nas pistas largas e na sensação de espaço sem fim. Aos poucos, se transforma em travessia. Entre Cervínia e Zermatt, a linha entre países desaparece para revelar duas formas de viver o mesmo inverno.

040 BAQUEIRA BERET

Baqueira Beret é onde o inverno ganha sotaque espanhol. Entre paisagens amplas e uma forma própria de viver a montanha, revela um equilíbrio entre técnica e calor humano.



Foto de Thijs Kemmis na Unsplash

042 ANDORRA

Nenhuma montanha cresce sozinha. Andorra entendeu isso cedo. Ao unir suas estações, criou não só um domínio esquiável, mas uma nova relevância no mapa do inverno. Aqui, a união é a verdadeira potência.

044 BARCELONA

Entre o branco das montanhas e o azul do Mediterrâneo, Barcelona surge como pausa e continuidade. Um lugar onde o inverno muda de ritmo sem perder intensidade. Nesta passagem, a cidade revela que viajar também é desacelerar e encontrar, no contraste, um novo equilíbrio.



048 VAIL

Em Vail, o luxo se dissolve na experiência. É a liberdade de escolher o próprio ritmo, em uma montanha onde tudo funciona com precisão. Aqui, conforto e performance transformam o essencial em extraordinário.

054 LOS TRES VALLES

Los Tres Valles conecta El Colorado, La Parva e Valle Nevado em um único gesto, onde mudar de paisagem não significa interromper o ritmo. É diversidade em movimento, três estilos, três atmosferas, uma experiência sem fronteiras.



066 ANTÁRTICA

Longe de qualquer referência, a Antártica se revela em camadas. Primeiro o gelo, depois a imensidão, por fim o silêncio. Fica a sensação de estar diante de algo maior, uma jornada que continua ecoando.

070 REFÚGIOS

No alto das montanhas, os refúgios surgem como extensão da paisagem. De abrigo à experiência, algo permanece: o ritmo mais lento, o fogo como centro e a sensação de que ali o mundo se reduz ao essencial.

080 COMPORTAMENTO

Grupos de neve são mais do que viagens compartilhadas. São encontros que ganham forma na montanha. Entre amigos, famílias e novas conexões, o que se constrói vai além do roteiro e transforma cada experiência em algo que permanece.

086 BEM-ESTAR

Um guia prático para chegar melhor à temporada de neve. Exercícios, orientações e cuidados que ajudam a reduzir o risco de lesões e melhorar o desempenho na montanha.

088 BLEND

Quem viaja com o Blend volta com lembranças e muitas histórias. Uma seleção de relatos reais do nosso universo off-snow, onde o mundo se abre com o mesmo cuidado que o Point da Neve leva você à montanha.

090 GALERIA

Coleção de momentos dos clientes do Point da Neve em suas viagens.

REPORTAGENS QUE VIRARAM MÚSICAS.

Este ano fizemos uma Revista EDGE diferente.

Uma revista para ir além da leitura.

*Para entreter e informar você ainda mais,
apresentamos o projeto musical Talomi.*

Ele foi criado para acompanhar a leitura da Revista EDGE.

*Cada faixa nasce das reportagens
que você tem em mãos e segue com você para além das páginas.*

*Ouçã enquanto lê, no fone de ouvido,
no carro a caminho da montanha, no voo de volta
ou quando quiser revisitar uma viagem.*

A revista se fecha.

A experiência continua.



*Escaneie o Spotify Code,
comece a escutar o álbum e boa leitura.*



Como usar:

1. Abra o app do Spotify
2. Vá em Buscar
3. Toque no ícone da câmera (canto superior)
4. Aponte para o código e pronto,
o Spotify abre exatamente o álbum.

EXPEDIENTE

Conselho editorial: Point da Neve

Criação e execução: Kreativ

Produção executiva: Rafa Bohrer

Redação: Rafa Bohrer

Revisão: Tiago Russell

Projeto gráfico e diagramação: Rafa Bohrer

Impressão: ANS Gráfica

Periodicidade: Anual

Tiragem: 3.000 unidades



Capa 10ª edição

NEVE.COM.BR

CONTATO@POINTDANEVE.COM.BR

@POINTDANEVE

Acesse a versão digital em: neve.com.br

A Revista Edge é uma publicação do Point da Neve Viagens e Turismo Ltda., dirigida a clientes e demais públicos de relacionamento do Point da Neve. Os destinos apresentados integram o portfólio 2026. Em caso de dúvida, entre em contato pelo fone +55 51 2108 7171 ou pelo site neve.com.br, que teremos o maior prazer em ajudá-lo. Avenida Coronel Lucas de Oliveira, 505/910 – CEP 90440-011 – Bairro Mont'Serrat – Porto Alegre – RS.

O Point da Neve Viagens e Turismo Ltda. é titular dos direitos autorais sobre o conteúdo de toda a Revista Edge e se reserva todos os seus direitos. Nenhum conteúdo aqui publicado, como material protegido por direitos autorais, marcas, logotipos e demais informações sobre as quais incidam direitos de propriedade intelectual, incluindo, mas não limitado a textos, fotografias, ilustrações e todo o conteúdo da Revista Edge, poderá ser reproduzido, alterado, modificado como uma obra derivada, distribuído, transmitido ou usado para fins comerciais, no todo ou em parte, em qualquer forma, idioma ou meio, eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia, gravação ou qualquer sistema para guardar ou recuperar informações, sem expressa autorização prévia, por escrito, do Point da Neve Viagens e Turismo Ltda.

Qualquer uso não apropriado do conteúdo da Revista Edge é estritamente proibido e pode violar a legislação de propriedade intelectual.

POR QUE ESQUIAR?

Por Cris Simões, Sandro Saltz & Beto Valle

Há perguntas que acompanham o viajante antes mesmo da primeira descida.

Por que esquiarmos?

Depois de tantos invernos acompanhando pessoas pelas montanhas, aprendemos que a resposta nunca cabe num motivo só, ela é feita de camadas.

Para muitos, tudo começa com uma memória que não se apaga: alguém querido avançando na montanha, um rastro deixado no branco, um gesto que marcou mais do que qualquer foto.

Esquiarmos, às vezes, é tentar reencontrarmos esse traço, não na neve, mas em nós mesmos.

Outros respondem sem pensar: liberdade, alegria, ar puro.

Mas quando escutamos com calma, surgem histórias inteiras.

Gente que esquia para sentir o humor do próprio cor-

po, gente que reconhece o dia pela textura da neve, gente para quem a montanha é o único lugar onde a tristeza não entra.

A pergunta é simples, as respostas nem sempre são.

Há também o que só o corpo sabe: o som do esqui na neve, a luz que muda, a manobra que encaixa.

Cada pessoa cria sua própria linguagem, seu próprio ritmo na montanha.

E existe também o imaginário, essa herança de décadas de filmes, fotos, aventuras, sonhos que moldaram o desejo de chegar lá em cima.

Mas o que mais vemos, ano após ano, é que esquiarmos cria comunidade.

Estranhos que viram cúmplices no lift.

Grupos que se reencontram como se o inverno fosse uma casa de todos.

Na montanha, o pertencimento é imediato.

No fim, esquiarmos é uma busca.

De sentido, de algo que a rotina esconde, mas a neve

revela com simplicidade.

Por isso esquiarmos.

E por isso seguimos voltando.

Porque, lá em cima, o mundo se alinha por alguns instantes, e isso basta para transformar tudo.

Talvez a resposta para essa pergunta não esteja em uma frase, mas no caminho.

Ela pode aparecer na elegância silenciosa de Megève. Na travessia entre Cervínia e Zermatt, onde a montanha ignora fronteiras. Na liberdade ampla de Vail.

Nas encostas dos Andes, entre El Colorado, La Parva e Valle Nevado. Nos refúgios, onde o mundo se reduz ao essencial. Ou, no limite do mapa, na Antártica, onde o branco deixa de ser paisagem e passa a ser estado de espírito.

Boa leitura.

A resposta pode estar logo adiante.



Divulgação: Megève



Abra o Spotify, escaneie o Spotify Code e ouça a música inspirada no editorial.

NA BAGAGEM

Escolher o que vai na mala para uma viagem de neve é decidir como essa experiência vai ser vivida. Conforto, performance e fluidez não acontecem por acaso, são construídos peça por peça. Por isso, reunimos aqui uma curadoria de itens que unem inovação, estilo e funcionalidade real, testados na prática, no frio de verdade, para que você possa simplesmente esquecer o equipamento e se concentrar no que importa: viver a montanha intensamente, do primeiro ao último traço na neve.



Curadoria de produtos por *Reymi Savaris Junior*,
do *World Snowboard Camp (WSC)*, e equipe *Point da Neve*.
[@worldsnowboardcamp](#)

1. STOKO

Se seus joelhos já pediram aposentadoria anos atrás, os acessórios da STOKO podem ser a solução dos seus problemas. Trata-se de um sistema de grau médico integrado ao vestuário esportivo para estabilização dos joelhos. O Sistema de Suporte Stoko utiliza cabos de Dyneema de alta resistência que imitam os músculos e ligamentos, esses cabos são regulados por discos similares ao sistema BOA, permitindo ajustar o grau de suporte desejado. Testado e aprovado!
[stoko.com](#)



2. UNION RESET PRO BOOTS

Sem dúvida o grande lançamento do ano no mundo do snowboarding. A Union que até então dedicava-se apenas à fabricação de bindings decidiu dobrar a aposta e lançar seu primeiro produto nesse mercado já bastante concorrido. A RESET PRO de fato tem sistema de construção diferenciado trazendo grande durabilidade e rigidez sem comprometer o conforto. Destaque para o espaço de sobra na região dos dedos e alta qualidade dos liners.

[unionbootdivision.com](#)

3. MEN'S O2AM BLUE-ORANGE

Existem dois momentos no esqui: o da descida e o depois. A Dahu pensou nos dois. Sua bota modular combina uma casca rígida de alta performance com o Cambium, um inner boot removível que vira uma confortável bota de inverno para o après-ski. Você esquia com potência. E depois caminha com conforto.
[skidahu.com](#)



4. GORE-TEX EPE

Será o fim do GORE-TEX como nós conhecemos? A partir de 2025 diversos países proibiram o uso de substâncias chamadas PFAS (Per-and Polyfluoroalkyl Substances), amplamente utilizadas na fabricação de tecidos como o GORE-TEX. Marcas como a Arc'teryx já se adaptaram e oferecem o “novo” GORE-TEX menos eficiente e mais “saudável”. Confira a jaqueta SABRE SV GORE-TEX PRO ePE SHELL no site arcteryx.com



5. SMART SNOW GOGGLES

Ter as Smart Snow Goggles da Rekkie na bagagem é uma escolha de viagem que combina tecnologia e praticidade para quem quer elevar a experiência nas montanhas: com visor Heads-Up Display (HUD) transparente, você acessa informações em tempo real como velocidade, altitude, notificações do celular, música e até a localização dos seus amigos. Tudo sem tirar a luva ou olhar para o telefone.

Esse goggle inteligente transforma seus dias de esqui ou snowboard em uma aventura mais conectada e divertida, mantendo o foco no que importa: curtir a neve ao máximo sem perder nada do que está acontecendo ao redor.

rekkie.com



6. ALPRIDE SYSTEM E2

Um sistema de airbag de avalanche como o Alpride System E2 na bagagem é um must se você planeja explorar áreas fora das pistas ou fazer freeride/backcountry com segurança: trata-se de uma tecnologia suíça de airbag elétrico compacto e leve que infla rapidamente um volume de 162 L para ajudar a manter você na superfície em caso de avalanche.

O E2 usa supercapacitores recarregáveis via USB-C e duas pilhas AA, o que significa sem cartuchos de gás, sem baterias pesadas ou restrições para voar com o equipamento na bagagem, perfeito para viajar sem complicações.

Além disso, a autonomia prolongada (até 3 meses pronto para uso) e o display LCD com indicadores deixam tudo mais simples de checar antes de subir a montanha.

alpride.com



7. URSA MAJOR ALPINE RICH CREAM

Leve um hidratante que realmente enfrenta a secura do frio: o Ursa Major Alpine Rich Cream é um creme ultrarico que combina ativos alpinos e ingredientes botânicos poderosos para hidratar profundamente, reforçar a barreira da pele e manter a umidade mesmo no ar gelado da montanha, perfeito para dias de ski e noites após uma trilha na neve. Vegano, clean e de textura aveludada, ele deixa a pele macia, nutrida e protegida do ressecamento intenso que o clima seco pode causar.

ursamajorvt.com



8. MIPS

Capacete é aquele item que a gente só valoriza de verdade quando dá ruim, e por isso vale colocar na lista um modelo com Mips. Não é uma “marca de capacete”, e sim uma tecnologia presente em capacetes de várias marcas: por dentro, existe uma camada de baixa fricção que consegue se mover levemente em certos impactos oblíquos (em ângulo), ajudando a redirecionar parte das forças rotacionais que podem aumentar o risco de lesões.

Na prática: é uma dica simples de bagagem para neve porque você ganha uma camada extra de proteção sem complicar a vida, só escolher um capacete bem ajustado e que tenha Mips integrado.

uaiadventure.com.br



013

DE QUASE DESISTIR ÀS OLIMPÍADAS: A VIRADA DE PAT BURGENER

Pat Burgener é snowboarder olímpico e músico. Nascido na Suíça, compete pelo Brasil e construiu sua trajetória entre a disciplina da montanha e a liberdade da música. Nesta entrevista, ele fala sobre o momento em que quase desistiu, mudou de rota e encontrou um novo sentido para sua carreira.



Você nasceu e cresceu na Suíça, mas tem uma conexão forte com o Brasil. Como foi a tua infância entre essas duas culturas?

Eu cresci com uma mentalidade bem brasileira porque minha mãe cresceu no Brasil. Sempre tive esse lado mais caloroso, essa atitude mais aberta que existe muito no Brasil. Na Suíça, as pessoas têm uma mentalidade mais de se encaixar na caixa, de seguir um padrão. Eu sempre fui um pouco diferente.

Hoje eu sinto que encontrei uma grande parte da minha personalidade no Brasil, mas também tenho coisas da Suíça, como disciplina, trabalho duro e nunca desistir. Acho que as duas culturas me trouxeram o que eu sou hoje.

O que do Brasil sempre esteve presente na tua casa e na tua criação?

Minha mãe sempre me disse que somos todos iguais. Na Suíça, às vezes as pessoas são mais fechadas para outras culturas e outras pessoas. Me mudei três vezes de país desde pequeno, viajo muito, e o Brasil sempre teve essa energia de receber todo mundo.

Quando fui ao Brasil pela primeira vez, mesmo sem ter crescido lá, todo mundo me recebeu como brasileiro. Eu senti muito essa abertura, essa forma acolhedora de viver. E também nunca tive medo de viajar. Para mim, o mundo é pequeno e viajar faz parte do crescimento.

Como foi teu primeiro contato com o snowboard?

Eu comecei no ski com dois anos. Na Suíça, quando você aprende a andar, você já aprende a esquiar. Mas com cinco ou seis anos eu queria muito fazer snowboard porque era um esporte mais rebelde, mais diferente.

Eu tinha muitos problemas na escola e também TDAH. Não conseguia me concentrar. O snowboard, e o esporte em geral, me ajudaram a ficar mais tranquilo e a encontrar um jeito de viver. Porque antes não conseguia ver como me encaixar vivendo de estudar, trabalhar, não era pra mim.

Quando você percebeu que o snowboard poderia virar algo sério na tua vida?

Com dez ou onze anos. Eu tinha muitos problemas na escola, mas meus pais me deixaram viver o sonho de talvez virar um profissional no snowboard.

Eles me levavam para a montanha para treinar e perceberam que aquilo fazia bem para mim. Muitos médicos falavam sobre remédio para TDAH, mas meu pai, que é farmacêutico, não queria isso. Ele dizia: "Se ele tem muita energia, vamos usar essa energia



Foto arquivo pessoal

no esporte."

Acho que foi a melhor decisão dos meus pais. Graças a isso, consegui desenvolver meu talento. Eu acredito que talento vem quando você pratica muito, quando coloca tempo e dedicação em algo desde criança. Por isso hoje tenho talento pro esporte e pra música, porque coloquei todo meu tempo nisso.

Qual foi o momento mais marcante da tua carreira até hoje?

Minhas primeiras Olimpíadas foram o momento mais intenso da minha carreira.

Eu deveria ter ido para os Jogos muito jovem, com 15 anos, mas tive uma lesão. Depois aconteceu de novo, com 19 anos. Foi quando comecei a fazer música e escrever canções, pensei que talvez nunca fosse conseguir chegar às Olimpíadas.

Mas, aos 24 anos, fui para os meus primeiros Jogos e fiquei em quinto lugar, a um ponto do pódio. Minha família estava lá, na Coreia do Sul. Foi um momento incrível.

Também foi muito especial representar o Brasil. Oito anos atrás, pensar em representar um país tropical nas Olimpíadas de Inverno parecia uma ideia maluca. Mas eu gosto de fazer coisas diferentes e mostrar que, se você acredita e segue seu coração, muita coisa pode se tornar realidade.

Por que você decidiu competir pelo Brasil?

Antes de fazer essa transição, foi um momento difícil. Eu cresci na Suíça, tinha uma equipe que era como uma família para mim. Sair disso e ir para uma nova federação foi um risco enorme. Para minha vida, para meus patrocinadores.

Mas foi muito mais do que uma decisão esportiva. Eu queria descobrir o que poderia acontecer se eu seguisse essa oportunidade.

Muita gente tem medo de mudanças porque não sabe o que vai acontecer. Mas eu sempre pensei que, se você segue uma oportunidade de verdade, coisas incríveis podem acontecer na sua vida.

O que mudou na tua vida depois de começar a competir pelo Brasil?

Mudou tudo.

Eu já tinha feito tudo na Suíça, aprendido as línguas, feito shows, construído minha carreira. O Brasil me trouxe uma nova vida.

Hoje passo muito tempo no país. Sempre que posso, estou por lá. Descobri um dos lugares mais incríveis do mundo, pela música, pela língua, pelas pessoas e pelo calor humano.

Esse projeto mudou completamente a minha vida. Minha música mudou, minhas inspirações são outras. Aproveito cada ida ao Brasil para fazer shows, gravar, surfar, conhecer novos lugares e, principalmente, novas pessoas. No fim, isso me trouxe muito mais do que esporte ou dinheiro. O Brasil mudou tudo para mim.

Você percebe uma mudança no interesse dos brasileiros por snowboard e esportes de neve?

Sim, com certeza. Os brasileiros são apaixonados por esporte e têm orgulho dos atletas, independentemente da modalidade. Não importa se existe neve ou não.

O snowboard está muito próximo de outros esportes de ação, como surf e skate. Quem surfa ou anda de skate muitas vezes sonha em ir para a montanha praticar snowboard.

Eu sinto que fui muito bem recebido por essa comunidade no Brasil. Muitos surfistas, skatistas e atletas me escrevem dizendo que gostam de ver alguém representando o país no snowboard.



Foto arquivo pessoal

O que falta para o Brasil crescer ainda mais no snowboard e no ski?

O Brasil já tem muito potencial para treinamento físico. Tem surf, skate, que é algo que eu faço todo o verão para treinar. Meu esporte é quase uma dança na neve. Então praticar ginástica também é muito legal para isso.

Mas também seria importante investir em infraestrutura, como pistas artificiais com airbag e dry slope, para que crianças e atletas possam treinar o ano inteiro.

Existe um projeto do Comitê Olímpico de trazer atletas que têm passaporte brasileiro e moram em outros países para representar o Brasil nos jogos de inverno. Já tive crianças me abordando dizendo que querem representar o país no futuro.

Acho que isso vai fazer com que o Brasil venha a ter uma delegação muito maior nos Jogos de Inverno. Quem sabe criar um time de snowboard aqui?

Qual é o erro mais comum que você vê brasileiros cometendo quando chegam na montanha?

Acho que o principal erro é não acreditar.

Na Suíça, nós sempre acreditávamos que podíamos ganhar. No Brasil, às vezes alguns atletas chegam pensando que, por serem brasileiros, não podem estar entre os melhores.



Foto arquivo pessoal

Mas eu acho que precisamos acreditar mais. Hoje, atletas como o Lucas Braathen e eu mostramos que é possível competir em alto nível representando o Brasil.

Existe uma idade ideal para começar no snowboard?

Cinco ou seis anos já é uma ótima idade para começar. Mas, na verdade, dá para começar em qualquer momento da vida. Não existe “tarde demais”. Tudo depende muito da bagagem de cada um. Quem já praticou surf, skate ou ginástica, por exemplo, costuma evoluir mais rápido, porque já tem equilíbrio, coordenação e consciência corporal.

Você pratica freeride também?

Já pratiquei mais no passado. Hoje estou muito focado no freestyle.

O freeride é muito mais perigoso porque depende muito das condições da montanha e da neve. Existem mais acidentes, é preciso ter muito cuidado.

No freestyle, temos mais lesões, mas o ambiente é mais controlado e seguro.

Existe alguma montanha ou destino de neve que seja especial para você?

Laax, na Suíça.

Para mim, é como se fosse minha casa. É um lugar que tem tudo: treino, academia, natureza, restaurantes, spa e uma energia muito boa.

É o melhor lugar do mundo para treinar.

Hoje eu vou para lá não só para treinar, mas também para descansar, fazer yoga, comer bem e ter uma rotina saudável.

Como a música entrou na tua vida?

Começou cedo. Meu pai queria que todos os filhos tocassem um instrumento e praticassem um esporte.

Eu comecei no violão com cinco anos. Durante muito tempo não gostava tanto, queria focar só no esporte.

Mas quando tive minha primeira lesão, aos 15 anos, comecei a tocar mais, cantar e escrever músicas. Hoje sou muito grato que meu pai nos fez aprender a tocar.

Como a música e o snowboard convivem na tua vida?

Os dois se equilibram muito.

O esporte me dá saúde, experiências e inspiração para a música. E a música me ajuda a ficar mais relaxado no esporte.

Hoje eu sinto que ela me ajuda muito a trabalhar a cabeça, a criatividade e a manter uma boa saúde mental.



Foto arquivo pessoal



Foto arquivo pessoal



Foto arquivo pessoal



Foto arquivo pessoal

BATE-BOLA

Montanha preferida?

Laax, na Suíça.

Snowpark preferido?

Laax.

Linha de freeride preferida?

Alasca. Tive uma experiência incrível lá aos 15 anos.

Melhor destino para iniciantes?

Laax. É um lugar que reúne trampolins, skatepark, estrutura de treino e diferentes atividades que ajudam muito no desenvolvimento de quem está começando.

Destino mais “underrated”?

Gostaria muito de conhecer mais lugares de sandboard no Brasil, especialmente no Nordeste.

Destino de neve mais surpreendente?

St. Moritz e Livigno (Itália), além das regiões montanhosas dos Grisões, na Suíça.

Melhor après-ski?

Indy Bar, em Laax.

Prancha preferida?

As pranchas da minha marca, a Oversey. Trabalhamos cinco anos para desenvolver esse modelo.

Bota e Biding preferido?

Nidecker são os melhores.

Destino exótico que recomenda?

Brasil. Entre todos os lugares que já conheci, o Brasil tem uma energia diferente.

Uma montanha que todo mundo deveria conhecer pelo menos uma vez na vida?

Matterhorn, a montanha que inspirou o formato do chocolate Toblerone.

VIVA EXPERIÊNCIAS ÚNICAS

SOMENTE NO
HOTEL TERMAS CHILLÁN





HOTEL
TERMAS
CHILLAN

MOUNTAIN WELLNESS & SPA



IZAKAYA AS *Japão*



Abra o Spotify, escaneie o Spotify Code e ouça a música inspirada na reportagem.



Foto de Kazuo ota na Unsplash

021

Izakayas SABORES DE PASSAGEM

No Japão, há sempre um izakaya no caminho. Entre o metrô e a próxima esquina, eles surgem como pausas acesas no movimento da cidade. Portas estreitas, cortinas curtas, fumaça saindo da grelha. Lugares onde o corpo descansa por minutos e o paladar desperta por inteiro.

Lugares de passagem, mas onde o instante tem gosto. Dentro, o espaço é pequeno, o calor é grande, e o tempo parece se curvar em torno da chapa. O óleo estala, o shoyu carameliza o ar, o missô sobe em espirais. O cozinheiro não cozinha: conversa com o fogo.

Mas há também o silêncio da lâmina, fina como um pensamento preciso, cortando o peixe com a delicadeza de quem carrega uma linhagem inteira nos dedos. O sushi, tão simples no balcão, é um gesto ancestral: a precisão do corte, o brilho do peixe fresco, o arroz moldado no exato momento em que encontra o mundo.

Nos pratos, o Japão cotidiano: espetinhos de yakitori, frango grelhado e pincelado com tarê doce e salgado, bolinhos de takoyaki, com polvo e massa cremosa, o oden que ferve há horas, reunindo legumes, ovos e tofu em caldo de paciência. Entre um gole e outro de saquê quente ou cerveja gelada, vem o edamame polvilhado de sal grosso, o tamago suave, o gengibre em conserva que limpa o paladar e prepara para o próximo sabor.

Os izakayas são também território de curiosidades.

O wasabi, por exemplo, não vem em pasta: é ralado na hora, um tubérculo de perfume forte e limpo, capaz de despertar até o silêncio.

E há o matcha, pó de chá verde moído finíssimo, que confunde os distraídos: muitos o polvilham como sal e pimenta, sem saber que o ritual é outro. O pó vai na xícara, e a água quente revela seu amargor sereno. E há ainda um gesto simples, quase invisível, mas cheio de significado: a conta escrita à mão.

Num pedaço de papel, o dono anota os pratos pedidos, os goles, os instantes. Não é desleixo, é intimidade. É como se dissesse: eu vi você, eu vi sua passagem por aqui. Cada traço é um registro humano, uma maneira de lembrar que, por alguns minutos, aquela mesa pertenceu a você.

Cada prato é breve, mas inteiro.

Cada gole, uma pausa entre dois mundos.

Ninguém se demora nos izakayas, mas todos saem com algo que fica: o sabor, o calor, o momento.

Porque os izakayas são lugares onde o mundo, por um instante, volta a caber dentro de um prato e de uma conversa.

Quer conhecer tudo isso?



Foto de Natsuki na Unsplash



Foto de Jirayu koonthojinda na Unsplash



Foto de Bundo Kim na Unsplash

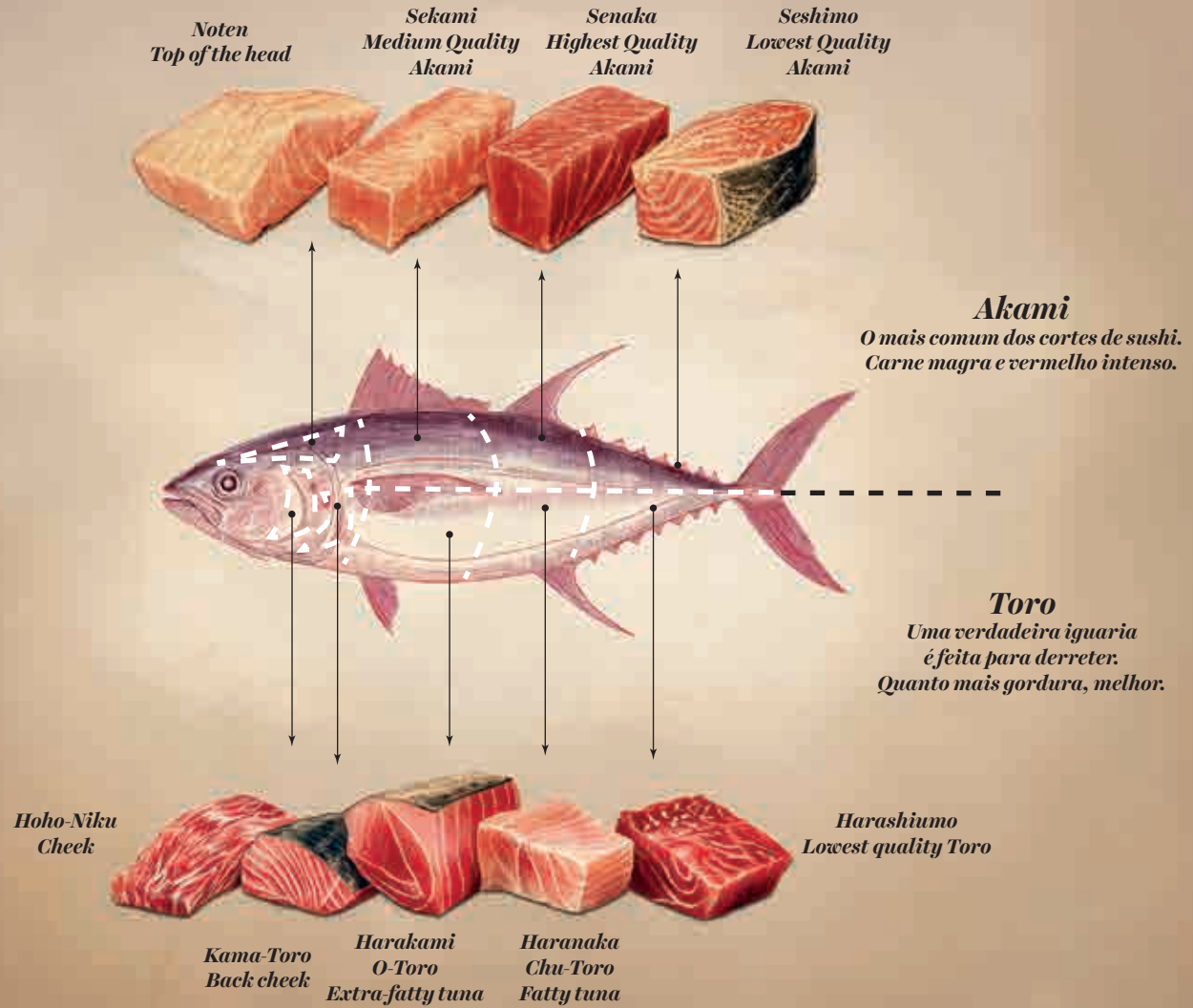


Foto de Kazuo ota na Unsplash



Foto de Jirayu Koonthojinda na Unsplash

Cortes SUSHI E SASHIMI DE ATUM



MADRUGADA EM TOYOSU

Leilão do Atum

Chegamos ao Toyosu Market antes do amanhecer, aquela hora em que o frio parece pensar antes de tocar a pele.

Os atuns estavam alinhados como colossos silenciosos. Bastou caminhar entre eles para entender que ali não é comércio, é cultura em estado puro.

Os compradores passavam devagar, lanternas pequenas na mão, iluminando o corte da cauda como quem lê um segredo. No vermelho da carne, eles enxergavam futuro: textura, gordura, destino.

Quando o leilão começou, descobrimos que quase tudo acontece no invisível, um gesto mínimo, um dedo que se move, um olhar que confirma. O martelo só oficializa o que já foi dito em silêncio.

E então começa o que mais nos marcou: o caminho do atum.

Seguimos o peixe até a sala de corte, onde artesãos trabalham com lâminas longas e movimentos suaves. O gigante vira partes; as partes, promessas.

Saímos de lá com o dia nascendo e a sensação de que

já estávamos saboreando o sushi que viria. Pensamos no akami firme, no chutoro quase translúcido, no otoro que derrete só de ser imaginado.

Sabemos que um deles estará no balcão diante de nós, entregue ao chef como uma oferenda.

Depois de ver um leilão de atum, entendemos uma verdade simples. O sushi não começa no balcão, começa na madrugada.





Foto de Fumiaki Hayashi na Unsplash

GUIA IZAKAYAS

1. Shin Hinomoto - Yurakucho

Debaixo dos trilhos, o Shin Hinomoto funciona no ritmo do pós-expediente japonês: barulhento, quente, direto. Peixe extremamente fresco, sashimis generosos e pratos que chegam rápido, quase no mesmo tempo em que são pedidos. O espaço é apertado, a conversa atravessa mesas e o trem passa como trilha sonora. O ponto alto está na honestidade absoluta, comida sem ornamento, energia coletiva e a sensação de estar dentro do Japão real, não encenado.

shin-hinomoto.com

Instagram: [@shin_hinomoto](https://www.instagram.com/shin_hinomoto)

2. Mimasuya - Kanda

O Mimasuya é uma cápsula viva do Japão do pós-guerra. Oden preparado por horas, caldo profundo, ingredientes simples tratados com paciência e respeito. O ambiente é silencioso, quase contemplativo, e o saquê quente acompanha sem pressa.

O grande destaque é o tempo, nada ali é acelerado. Cada prato parece existir para aquecer, não para impressionar. Esse lugar existe desde 1905. E continua funcionando exatamente assim: sem site, sem branding digital, sem esforço de visibilidade. **Kanda Tsukasamachi 2-15-2, Chiyoda, Tokyo**

3. Uoshin Nogizaka - Nogizaka

Aqui, o protagonismo é do gesto. O Uoshin Nogizaka se destaca pela precisão no corte do peixe e pela qualidade excepcional do pescado. No balcão, o sushi acontece com calma, sem espetáculo, deixando que textura, brilho e frescor falem por si. É um izakaya para quem entende que sofisticação, no Japão, muitas vezes se manifesta em silêncio.

uoshins.com/nogizaka

Instagram: [@uoshin.nogizaka](https://www.instagram.com/uoshin.nogizaka)

4. Omoide Yokochō - Shinjuku

Omoide Yokochō não é um endereço, é uma tra-

vessia. Um corredor estreito onde dezenas de izakayas minúsculos se acendem ao cair da noite, entre fumaça, lanternas e vozes cruzadas. Yakitori grelhado na hora, cerveja gelada, pouco espaço e nenhuma formalidade. O ponto alto não é um prato específico, mas a experiência crua de pausa urbana, breve, intensa e inesquecível.

en.shinjuku-omoide.com

Instagram: [@omoide_yokochou_official](https://www.instagram.com/omoide_yokochou_official)

5. Torikizoku - vários bairros

O Torikizoku representa o Japão cotidiano em estado puro. Cardápio simples, repetível, yakitori bem executado e preços acessíveis. Não há surpresa, e justamente aí está seu valor: constância, conforto e familiaridade. É o izakaya como hábito, um lugar de passagem que, por existir sempre do mesmo jeito, acaba fazendo parte da vida.

torikizoku.co.jp

Instagram: [@torikizoku.official](https://www.instagram.com/torikizoku.official)

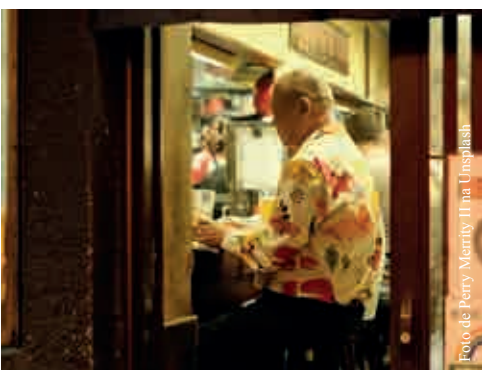


Foto de Perry Merritt Iiba na Unsplash



Foto de Jirayu Koonthojinda na Unsplash



Foto de Ozgu Ozden na Unsplash

DESTINOS
EUROPA

MEGÈVE

Onde o tempo aprende a desacelerar.



Abra o Spotify, escaneie o Spotify Code e ouça a música inspirada na reportagem.



Há algo em Megève que convida o tempo a tirar as botas e sentar-se por um instante.

Enquanto o mundo lá fora corre, aqui ele caminha devagar. Talvez por respeito às montanhas, talvez por preguiça do frio.

Já vimos muitos destinos se venderem como perfeitos.

Mas Megève não tenta ser nada. Ele apenas é.

É um vilarejo que respira como uma lareira acesa, quente, silencioso, e cheio de histórias que se contam melhor com uma taça de vinho entre as mãos.

As ruas de pedra têm o mesmo compasso dos sinos que anunciam a hora da missa e o início da pista. Os cavalos passam arrastando o som de outra época, e as

vitruas parecem flutuar sob a luz dourada das tardes curtas.

Aqui, o luxo não brilha, ele sussurra. Está no gesto discreto do maître que dobra o guardanapo, no olhar da senhora que desce do lift com a elegância de quem já entendeu que a vida é feita de quedas suaves e boas risadas.

Em Megève, as famílias se reencontram.

Os amigos se reconhecem.

E os silêncios... ah, os silêncios... têm textura de neve recém-caída: macia, branca, linda.

Talvez por isso, cada viagem até aqui seja uma espé-

cie de cura invisível.

Os que chegam tensos descobrem um novo ritmo no próprio corpo.

Os que chegam juntos saem mais próximos.

Os que chegam sozinhos percebem que não estão.

Há uma sabedoria antiga nas encostas de Megève.

Ela ensina que o frio não é inimigo, é apenas um convite ao abraço.

E que a beleza, quando é real, dispensa pressa, filtro e legenda.

Megève não é um destino, é uma lembrança que insiste em continuar viva.





Divulgação Megeve



Divulgação Megeve



Divulgação Megeve



Divulgação Megeve

029

Megève.

O tempo como paisagem.

Existem lugares que contam sua história em séculos. Megève, não.

Ela conta em vestígios de montanha, de inverno e de histórias que não se apagam.

Antes dos esquis, este vale era passagem de caçadores seguindo o instinto, povoados gauleses entre montanhas, e até monges erguendo capelas que ainda parecem conversar com o céu. Durante séculos, Megève foi fronteira entre impérios, crenças e mundos, e cresceu ancorada no essencial: fogo, terra, madeira, inverno.

Por isso chegou ao século XX com algo raro: uma autenticidade intacta, quase medieval.

Quando a baronesa Noémie de Rothschild veio buscar aqui uma nova forma de viver os Alpes. Silêncio, elegância e uma altitude que não precisa se provar.

Megève não precisou se reinventar. Apenas abriu a porta.

Daquele gesto nasceu a transformação de aldeia alpina à primeira tradução francesa da elegância discreta. Uma sofisticação que não se exhibe, acolhe.

A baronesa não criou um cenário. Ela revelou um charme ancestral, pronto para ser visto.

Megève não virou um destino exclusivo, apenas revelou o refinamento que sempre teve: ruas de pedra, capelas centenárias, chalés que repetem a mesma

história há gerações; uma vida que acontece devagar, e justamente por isso acontece melhor.

Assim começou a metamorfose, o vilarejo medieval tornou-se palco da elegância mais silenciosa dos Alpes.

Um lugar onde o tempo não corre.

E onde cada inverno confirma, o luxo autêntico não se anuncia.

Ele simplesmente existe.



Quer conhecer Megève?





Divulgação Megève



Divulgação Megève

Linha do tempo do nascimento do luxo em Megève

Século XX A Era do Esqui e da Elegância

- 1916** - A baronesa Noémie de Rothschild escolhe Megève como estação de esqui, início da transformação em destino de luxo.
- 1921** - Inauguração do Hotel du Mont d'Arbois, marco da chegada da alta sociedade.
- 1923** - Criação do primeiro campo de golfe.
- 1927** - Construção do primeiro chalé moderno para esportes de inverno.
- 1930** - Armand Allard cria o fuseau, a primeira calça aerodinâmica da história do esqui.
- 1933** - Inauguração do primeiro teleférico francês dedicado exclusivamente a esquiadores.
- 1936** - O megevan Émile Allais conquista a primeira medalha francesa em Olimpíadas de inverno.
- 1964** - Criação do aeródromo de Megève.
- 1973** - Inauguração da rota aérea Paris-Megève.

Século XXI A Sofisticação Contemporânea

- 2012** - O restaurante Flocons de Sel conquista 3 estrelas Michelin, consolidando Megève como capital gastronômica dos Alpes.



Divulgação Megève



032

Números de Megève

- Área esquiável: 400km de pistas
- Base: 1.113m
- Topo: 2.350m
- Desnível: 1.237m
- Perfil das pistas: ~ 230, sendo 20% iniciantes, 28% intermediárias, 36% avançadas, 16% experts.
- Lifts: 110







034

Dicas Gastronômicas

É preciso entender que o espírito gastronômico de Megève é parte da experiência da montanha. A vila combina alta gastronomia, tradição alpina e uma sofisticação que nunca é óbvia. Entre mesas estreladas, chalés históricos e restaurantes que misturam música, fogo e festa, cada refeição assume um papel diferente: contemplar, celebrar, aquecer, surpreender. As dicas a seguir formam um roteiro sensorial completo, do silêncio elegante à euforia noturna, para quem entende que, em Megève, também se vive à mesa.

1. Flocons de Sel

Rota do Leutaz, 15 min do centro

3 estrelas Michelin - Chef Emmanuel Renaut

É aqui que a montanha se transforma em arte. O chef Emmanuel Renaut faz o impossível: traduz o clima dos Alpes em texturas e aromas. Cada prato parece um fragmento de paisagem, cogumelos colhidos nas encostas, ervas silvestres, queijos maturados em altitude.

Experiência: jantar silencioso com vista para a neve.
Estética: tons neutros, louças brancas, luz fria, o luxo da simplicidade.

floconsdesel.com

Instagram: [@floconsdesel](https://www.instagram.com/floconsdesel)



2. La Table de l'Alpaga

Hotel L'Alpaga, 5 min do centro

Estrela Michelin - Chef Alexandre Baule

Um refúgio de elegância contida. Cozinha criativa, moderna e emocional, que equilibra tradição e leveza. Destaque para o filet de veau e o uso de produtos locais com técnica francesa contemporânea.

Experiência: jantar à meia-luz, entre madeira, pedra e silêncio.

Estética: minimalismo quente, velas e aroma de lenha.
beaumier.com/en/properties/hotel-alpaga/food-drink

Instagram: [@latabledelalpaga](https://www.instagram.com/latabledelalpaga)



3. La Ferme Saint-Amour

Centro do vilarejo

Aqui o jantar é uma festa. Luz vermelha, música alta, taças em movimento. A cozinha é moderna e irreverente, pratos de brasserie francesa com toques sensuais, perfeitos para quem quer food + festa.

Experiência: jantar que vira noite.

Estética: glamour parisiense em versão alpina.

lafermesaintamour.com/megeve

Instagram: [@lafermesaintamour](https://www.instagram.com/lafermesaintamour)



4. Les Fermes de Marie

Hotel Les Fermes de Marie, 5 min a pé do centro

Mais que um restaurante, é um ritual. Servido dentro de um dos chalés mais tradicionais de Megève, o cardápio celebra o terroir alpino, fondues, carnes de caça, sopas e queijos locais.

Experiência: jantar à luz da lareira, taça de vinho e cheiro de madeira.

Estética: aconchego absoluto, lã, pedra e fogo.

fermesdemarie.com

Instagram: [@lesfermesdemarie](https://www.instagram.com/lesfermesdemarie)



5. La Sauvageonne

Vista para o vale

Uma experiência entre restaurante e clube. Durante o dia, é ponto de encontro para quem esquia; à noite, se transforma em palco de energia e estilo. Gastronomia criativa, coquetéis, música, e aquela sensação de que o inverno pode ser quente.

Experiência: almoço com vista, jantar que vira pista.
Estética: boho chic, madeira clara e luz dourada do pôr do sol.

indiegroupp.fr/sauvageonnemegeve

Instagram: [@lasauvageonne_](https://www.instagram.com/lasauvageonne)



CERVÍNIA

Um vale italiano que aprendeu a olhar para o alto.

Nós sabemos que cada estação tem uma alma, e a de Cervínia sempre foi voltada para o alto. Antes de ser destino, era apenas Breuil, um vale silencioso aos pés do monte Cervino, como os italianos insistem, e com razão, em chamá-lo.

O esqui chegou aqui no início do século XX como necessidade, não glamour. A aventura era subir a pé, carregando pranchas pesadas, até que, nos anos 1930, Cervínia decidiu ousar. Construiu seus primeiros teleféricos e sonhou em ligar Itália e Suíça pela montanha. Esse impulso moldou o caráter do lugar.

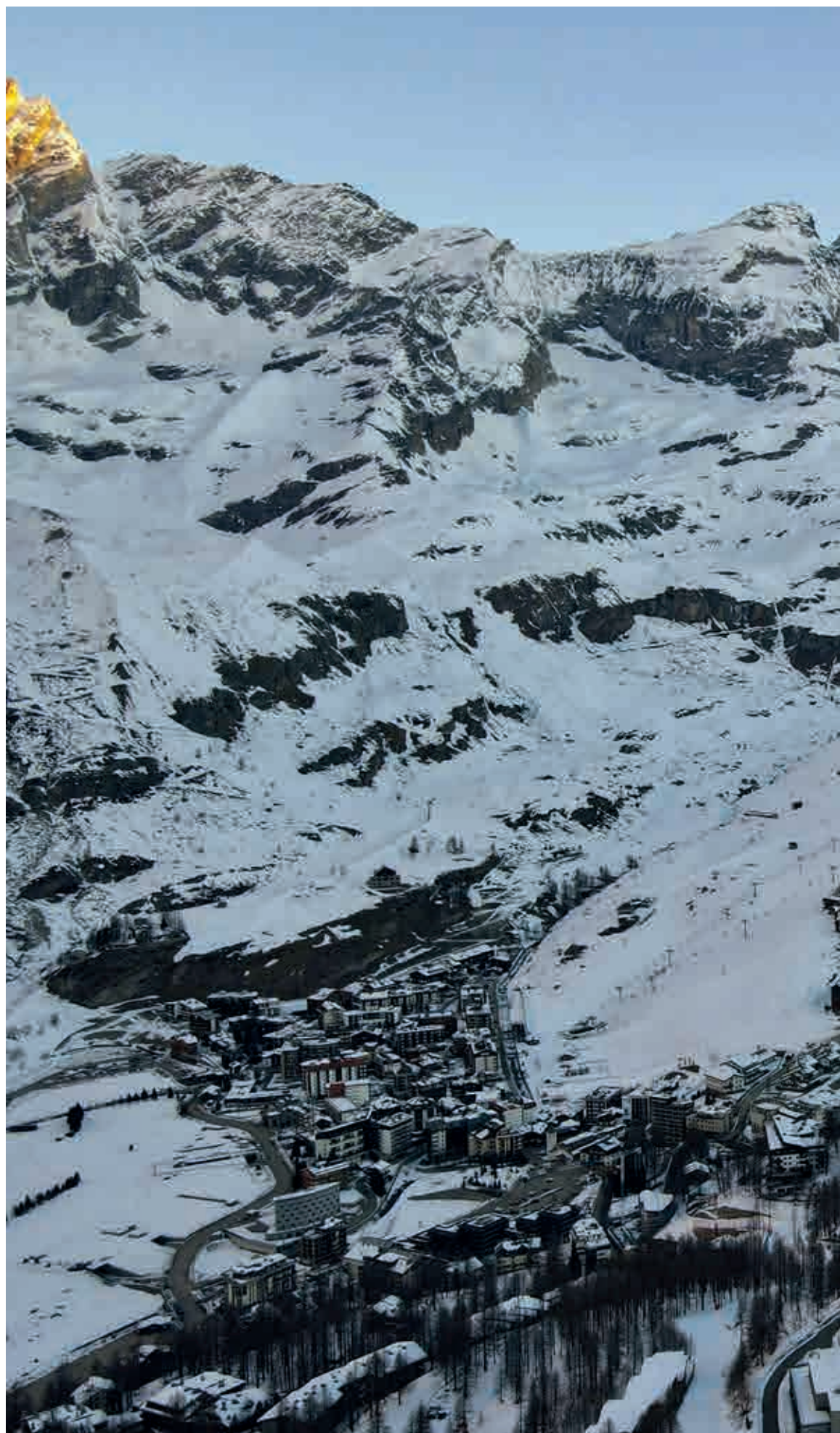
Graças ao glaciar do Plateau Rosa, Cervínia se tornou um dos poucos pontos da Europa onde se esquia quase o ano inteiro. Durante décadas, equipes olímpicas treinaram aqui no verão, um detalhe que poucos viajantes conhecem, mas que explica a reputação de neve confiável.

Suas pistas longas, como a lendária Ventina com quase 10 km, parecem desenhadas para ensinar o corpo a deslizar sem pressa. E a personalidade italiana faz o resto: restaurantes de altitude que servem pasta como se fosse celebração, mesas barulhentas, um calor humano raro a 2.500 metros.

Enquanto Zermatt, a estação suíça do outro lado da montanha, é contemplativa, Cervínia é expansiva.

É daqui, desse vale que mistura altitude, técnica e alegria, que parte uma das experiências mais marcantes do mundo da neve: a travessia entre Itália e Suíça, esquiando.

Vamos para Cervínia?







A LINHA INVISÍVEL

Travessia entre Itália e Suíça

Já atravessamos muitas montanhas, mas poucas nos transformaram tanto quanto a travessia entre Cervinia, na Itália e Zermatt, na Suíça. Esse momento singular em que a Itália e a Suíça deixam de ser países e viram apenas duas formas diferentes de respirar o mesmo frio.

Atravessar uma fronteira esquiando é entender que existem linhas que não aparecem nos mapas.

Há um instante, quase um piscar de olhos, em que o vento muda, a luz se inclina de outro jeito, e percebemos que já chegamos ao outro lado. Sem placa, sem alfândega, sem anúncio. Só o branco contínuo e absoluto.

Na Itália, tudo começa como festa.

O esqui tem música, o vinho tem ritmo, e até a forma de descer parece mais coreografia do que técnica. Nos restaurantes de altitude, o vapor da pasta sobe como incenso de alegria, e sempre há alguém rindo alto, como se o Cervino (o lado italiano do Matterhorn) fosse um palco natural montado para celebrar a vida. Mas à medida que subimos em direção ao Plateau Rosa, algo muda.

O ar afina, a neve ganha outra textura e o silêncio se torna mais espesso. Estamos pisando no glaciar que repousa aos pés do Monte Cervino, um dos mais altos pontos esquiáveis da Europa, e também um dos raros

lugares onde se esquia quase o ano inteiro. Ali, a sensação é de mudar de dimensão.

É nesse trecho que o improviso italiano lentamente se dissolve na precisão suíça.

As curvas ficam mais contidas, o gesto mais calculado. Até o tempo parece ajustar seu ritmo quando o lift deixa o último pico da Itália e desliza para o território suíço.

Na Suíça, não há festa, há contemplação.

Zermatt acolhe com outra energia. Menos riso, mais reverência. Seus vilarejos parecem pequenos demais para qualquer vaidade e grandes o suficiente para guardar silêncio. Uma curiosidade que sempre contamos aos viajantes é que Zermatt é uma cidade livre de carros desde 1961. Apenas pequenos veículos elétricos circulam por ali, e talvez seja por isso que o silêncio do lugar parece feito à mão.

E há ainda o charme dos pequenos trens que chegam à estação, o Glacier Express e os trens cremalheira que sobem as montanhas sem pressa, como se já soubessem que ali o tempo escolheu andar diferente.

E há outra curiosidade que sempre encanta quem chega por aqui. O Matterhorn foi exatamente a montanha ilustrada no rótulo do chocolate Toblerone.

Aquele pico triangular, tão perfeito que parece inventado, é este que se ergue diante dos olhos. E por mui-

tos anos, havia um detalhe escondido no logotipo, a silhueta de um urso camuflado na neve, homenagem ao brasão do cantão de Berna, onde a marca nasceu. Uma pequena prova de que, na Suíça, até o chocolate carrega a memória da montanha.

E então, lá em cima, quando estamos exatamente na fronteira, algo raro acontece.

O branco não tem dono.

O corpo é só corpo.

O humano é só humano.

E por um instante, a existência parece simples.

Mais tarde, já no lado suíço, tudo termina da mesma maneira. Com um café quente, um relógio preciso marcando a hora e uma vista do Matterhorn que parece nos observar de volta.

É ali, entre um bate-papo e outro, que a gente entende o que essa travessia realmente ensina.

Que as fronteiras mais difíceis de cruzar nunca são as dos países. São as nossas.

E talvez seja por isso que tantos viajantes, como a gente, voltam.

Porque para se reencontrar, às vezes, é preciso se perder entre a Itália e a Suíça.

E deixar que uma montanha, essa montanha, mostre o caminho.



Abra o Spotify, escaneie o Spotify Code e ouça a música inspirada na reportagem.

Números de Cervínia

- Área esquiável: 160km de pistas
- Base: 2.050m
- Topo: 3.480m
- Desnível: 1.430m
- Perfil das pistas: ~ 109, sendo 34% iniciantes, 61% intermediárias, 5% avançadas.
- Lifts: 47

Números de Zermatt

- Área esquiável: 200km de pistas
- Base: 1.620m
- Topo: 3.899m
- Desnível: 2.279m
- Perfil das pistas: ~ 109, sendo 20% iniciantes, 75% intermediárias, 5% avançadas.
- Lifts: ~ 54



BAQUEIRA BERET

Onde a Espanha aprende a gostar do inverno.

Existem estações que crescem com o tempo.

E existe Baqueira Beret, que cresce com as histórias. No coração dos Pirineus, entre vales que parecem respirar um silêncio próprio, Baqueira sempre foi mais do que um destino. É quase um rito espanhol. Um lugar onde o inverno encontra elegância, tradição e um tipo especial de intimidade, a que só nasce quando neve e cultura conversam de igual para igual.

Foi aqui que a família real espanhola escolheu esquiar. E, quando um país observa seus reis descerem a montanha com naturalidade, entende-se uma coisa rara: Baqueira nunca precisou se vender como sofisticada, ela nasceu assim. Sua reputação veio antes dos holofotes. Veio do cuidado com as pistas, do clima generoso, da neve que cai cedo e fica até tarde.

E há uma curiosidade que poucos percebem. As montanhas do Vall d'Aran são tão amplas e tão altas que projetam longas sombras sobre as encostas, fazendo com que a neve permaneça estável por mais tempo. Um detalhe natural que melhora a qualidade do esqui e prolonga a temporada sem esforço humano.

As aldeias ao redor seguem o mesmo espírito. Ar-

quitetura de pedra, madeira escura, telhados que lembram um passado alpino reinterpretado à maneira espanhola. Caminhar por elas é sentir que alguém pensou em cada detalhe para que o inverno ficasse mais acolhedor, não mais rígido. As luzes baixas, as lareiras acesas, os bares com cheiro de vinho quente e jamón... tudo parece convidar a uma pausa mais longa.

E então vem Viella, a porta de entrada do Vall d'Aran, onde a história medieval, o rio Garona e as ruas estreitas formam um contraponto vivo ao branco absoluto das cordilheiras. Viella é charmosa sem esforço. Catedrais românicas, praças pequenas, lojas que misturam tradição e contemporaneidade, e uma gastronomia que faz qualquer esquiador atrasar o horário da primeira cadeira.

Comer nos Pirineus é quase tão importante quanto esquiar.

Caldos quentes, carnes que chegam à mesa depois de horas no fogo lento, queijos de altitude, o famoso olla aranesa, o prato ancestral do vale, e vinhos espanhóis que parecem ter sido feitos para acompanhar a neve.

Em Baqueira, a mesa tem sempre o ritmo certo. Nada de pressa, nada de exagero. Só sabor, conversa e um tipo de calor que vem de dentro.

Entre uma taça e outra, surge uma das particularidades que fazem o Vall d'Aran destoar do restante da Espanha. A região carrega um regime fiscal próprio, herança da sua geografia isolada, que torna compras e experiências surpreendentemente convidativas.

Mas nada disso faria sentido sem os Pirineus. Essa cordilheira, que por séculos foi fronteira natural, refúgio, desafio e inspiração. Aqui, ela se abre em encostas amplas, longas, perfeitas para quem gosta de velocidade, mas também oferece bosques, trechos técnicos e zonas fora de pista que seduzem os mais experientes. Baqueira é generosa, e isso explica porque tantos retornam ano após ano.

Nós sempre voltamos. Porque Baqueira tem algo que poucas estações conseguem entregar, um inverno com identidade.



Quer saber mais de Baqueira Beret?



Divulgação Baqueira Beret

Números de Baqueira Beret

- Área esquiável: 169km de pistas
- Base: 1.500m
- Topo: 2.610m
- Desnível: 1.110m
- Perfil das pistas: ~ 127, sendo 5% iniciantes, 36% intermediárias, 44% avançadas e 15% experts.
- Lifts: 36



Abra o Spotify, escaneie o Spotify Code e ouça a música inspirada na reportagem.

BAQUEIRA BERET, ESPANHA



Divulgação Baqueira Beret



Divulgação Baqueira Beret



Divulgação Baqueira Beret



Divulgação Baqueira Beret

ANDORRA

A união das montanhas criou um país inteiro de neve.

A união das montanhas criou um país inteiro de neve. Sempre acreditamos que as montanhas têm personalidades. Algumas são silenciosas, outras são valentes, e há aquelas que sabem que, juntas, ficam ainda mais fortes.

Grandvalira nasceu exatamente desse espírito.

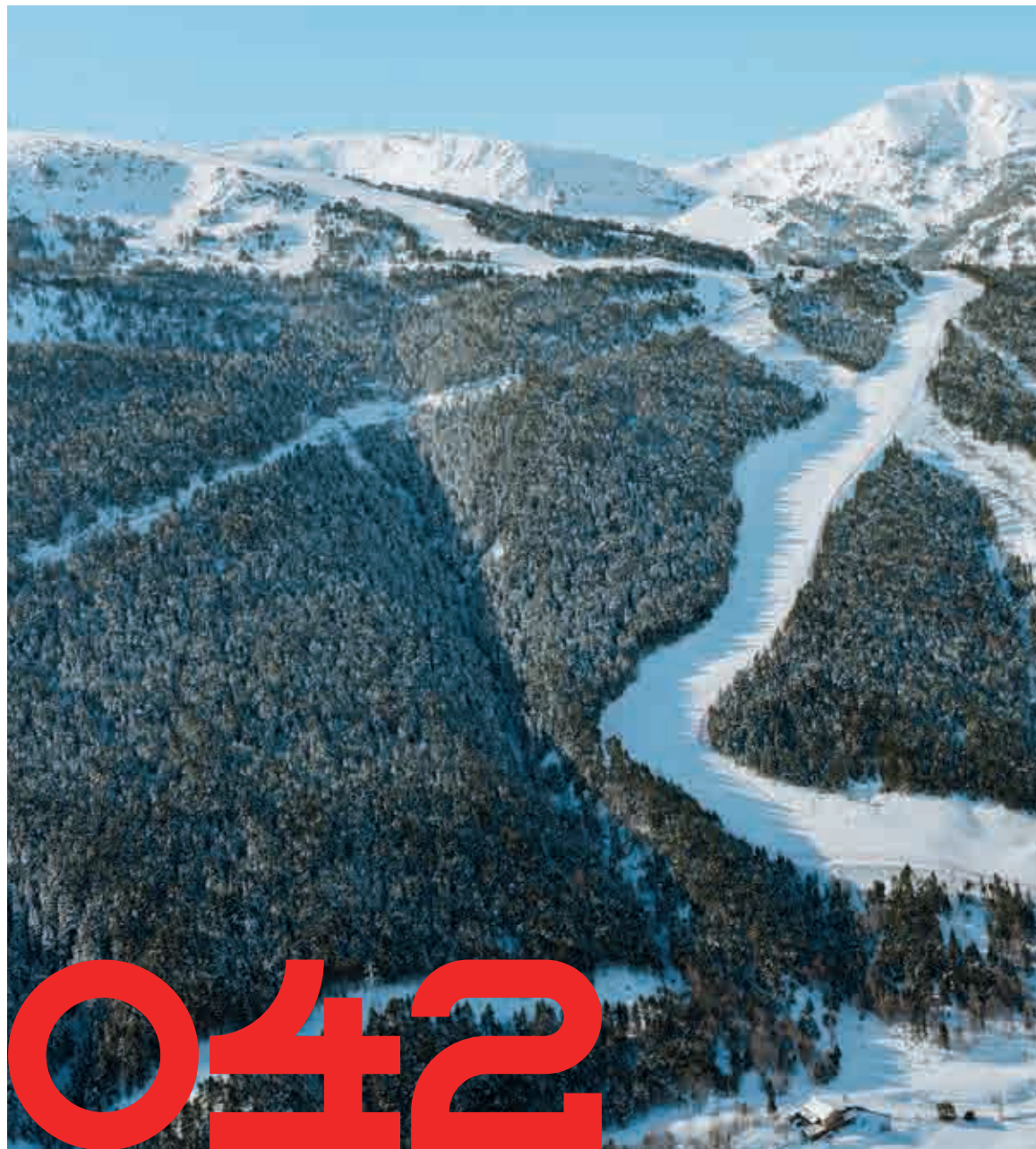
Durante décadas, Andorra, esse pequeno principado espremido entre Espanha e França, abrigou várias estações independentes. Soldeu, El Tarter, Pas de la Casa, Grau Roig, Encamp... cada uma com sua alma, seu vale, sua história. Mas todas sentiam a mesma verdade soprando pelas pistas: se quisessem ganhar relevância mundial, precisariam se unir.

Foi assim que, em 2003, essas montanhas estenderam a mão umas às outras e criaram um dos maiores domínios esquiáveis do planeta.

Grandvalira não é apenas uma estação, é uma estratégia brilhante de escala, que colocou Andorra no mapa do esqui internacional com a força de quem entende o poder da união.

O resultado não podia ser outro: mais de 200 km de pistas contínuas, um sistema de lifts moderno, escolas renomadas, snowparks celebrados e uma infraestrutura que surpreende até os viajantes mais experientes.

E cada vez que voltamos a Grandvalira, sentimos que estamos entrando em um país que soube transformar montanha em projeto, e projeto em identidade. Um lugar onde a geografia virou visão de futuro.



L'Abasset - Divulgação Serras Andorra

Vamos conhecer Andorra?





Divulgação Andorra



Arquivo pessoal

Andorra la Vella. O pequeno luxo que cabe na mala e no bolso.

Quando chegamos à capital, Andorra la Vella, sempre temos a sensação de entrar em um mundo paralelo onde o luxo é acessível.

Hotéis elegantes, ruas vibrantes, spas termais históricos como Caldea, restaurantes que misturam influência catalã e francesa, e... compras. Muitas compras.

Com impostos significativamente mais baixos do que o restante da Europa, o preço já nasce mais leve. E isso cria uma dinâmica curiosa: esquiadores que passam o dia na montanha e, à noite, circulam pelas lojas brilhantes como se estivessem em uma mini versão alpina de uma grande capital europeia.

Curiosidades que só quem já viveu Andorra percebe:

- O idioma oficial é o catalão, mas no dia a dia você escuta espanhol, francês, inglês, português e às vezes tudo ao mesmo tempo.
- Andorra tem pouco mais de 80 mil habitantes, e recebe mais de 8 milhões de visitantes por ano.
- É comum ver famílias inteiras esquiando juntas: é um dos destinos mais democráticos dos Pirineus.
- Pas de la Casa, na divisa com a França, é onde você sente "a fronteira" quase como parte da pista.
- Soldeu possui uma das melhores escolas de esqui da Europa, com instrutores do mundo todo.

Números de Andorra

- Área esquiável: ~ 200km de pistas
- Base: 1.710m
- Topo: 2.820m
- Desnível: 1.110m
- Perfil das pistas: ~ 140, sendo 7% iniciantes, 52% intermediárias, 30% avançadas e 11% experts.
- Lifts: 76



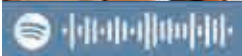
Foto de Jossuha Theophile na Unsplash

BARCELONA

Neve nos ombros, sal nos lábios.



Foto de Bogdan C Rogulin na Unsplash



Abra o Spotify, escaneie o Spotify Code e ouça a música inspirada na reportagem.

***Entre o branco das montanhas
e o azul do Mediterrâneo,
Barcelona é o nosso ponto de equilíbrio
favorito no inverno europeu.***

Uma cidade que não determina o ritmo da jornada, apenas a amplia. Pode ser começo, pode ser destino, pode ser as últimas páginas antes do retorno. O que importa é o contraste, a transição delicada entre o silêncio das alturas e o rumor vivo do Mediterrâneo.

Depois de tantos invernos acompanhando viajantes rumo às montanhas, aprendemos a reconhecer o instante exato em que o inverno deixa de ser clima e se torna experiência. Barcelona é esse instante.

Mesmo no inverno, a cidade pulsa com uma energia

própria. O ar mistura cheiro de pão quente com maresia; as fachadas de Gaudí parecem respirar sob a luz suave da estação; e as ruas carregam aquele calor humano que só as cidades que se conhecem profundamente conseguem oferecer.

Barcelona nos ensina, e ensina aos nossos viajantes, que o inverno não é ausência. É intensidade.

E que existe um território raro entre a montanha e o mar onde tudo parece possível, até mesmo sentir duas estações dentro da mesma alma.

Para a gente, esse contraste entre montanhas nevadas e Mediterrâneo é um dos momentos mais belos do inverno europeu.

Um encontro entre paisagens e estados de espírito. Um equilíbrio que transforma a viagem em algo maior do que deslocamento, transforma em descoberta e memória.



Que tal mais uns dias em Barcelona?



Curiosidade catalã

Barcelona é a capital da Catalunha, e a Catalunha não é apenas uma região: é um jeito de estar no mundo. Aqui, fala-se catalão, cozinha-se com azeites mais verdes, e celebra-se o tempo com uma delicadeza quase artesanal. A vida se move devagar onde precisa, e avança com criatividade onde pode.

É tradição e vanguarda partilhando a mesma mesa.

É mar e montanha aprendendo a conversar.

Logística para chegar é fácil.

Barcelona é uma das portas de entrada mais práticas da Europa.

Existem voos diretos do Brasil que pousam praticamente dentro da cidade, o que transforma o

início da jornada em algo simples e leve.

A partir dali, chega-se rapidamente às principais estações dos Pirineus, como Grandvalira e Baqueira Beret. Tudo flui com a naturalidade de quem sabe que o caminho também faz parte da experiência.

Highlights de Barcelona

Barcelona se revela aos poucos. Entre a arquitetura de Gaudí, as ruas históricas, o Mediterrâneo e a vida ao ar livre, cada passeio convida a caminhar sem pressa e observar detalhes. Mais do que visitar pontos turísticos, explorar a cidade é viver a mistura natural entre arte, cultura, gastronomia e cotidiano.



Foto de Brandon Gurney na Unsplash



Foto de Aliaksei Lepik na Unsplash

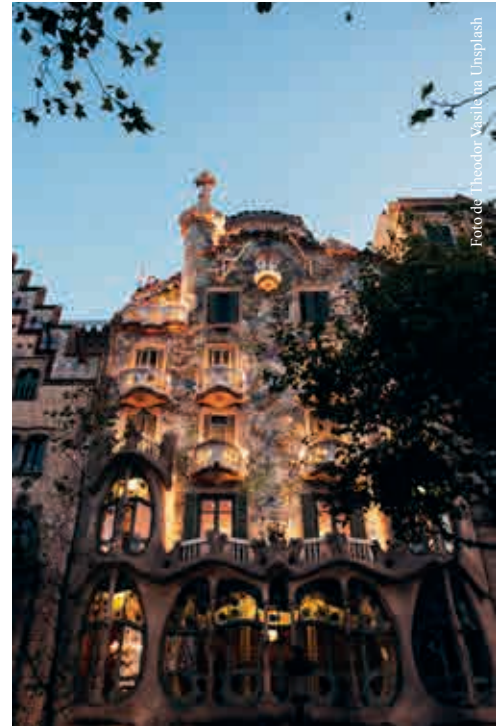


Foto de Theodor Vassile na Unsplash

1. Passear pelo Bairro Gótico ao entardecer

Ruas estreitas, luz dourada refletindo nas pedras e o som distante de músicos de rua.

É o coração histórico de Barcelona, onde cada esquina parece guardar um século.

2. Ver o mar desde a Barceloneta

Mesmo no inverno, o Mediterrâneo continua magnético.

Um café quente na orla, o som das gaivotas, o horizonte azul, o mar como pausa e presença.

3. Passeio pelo Passeig de Gràcia

Arquitetura modernista, vitrines icônicas e dois clássicos: Casa Batlló e La Pedrera. Mesmo sem entrar, o passeio já vale.



Foto de Dani Grau na Unsplash

4. Degustar a gastronomia catalã

Barcelona é puro sabor de território.

Prove o pa amb tomàquet (pão com tomate e azeite), os frutos do mar frescos do Mercat de la Boqueria e o clássico suquet de peix, um ensopado de peixe típico da Catalunha.

Nos meses de inverno, o destaque é a calçotada: cebolas doces grelhadas e servidas com molho romesco, um ritual coletivo imperdível.



Foto de Nana na Unsplash

5. Visitar a Casa Milà e a Sagrada Família sob a luz do inverno

Gaudí parece outro artista nessa época do ano. A luz mais baixa e suave realça volumes, curvas e sombras com uma delicadeza quase espiritual.



Foto de Tobias Rademacher na Unsplash

6. Uma tarde no Museu Picasso ou na Fundação Miró

Dois olhares catalães sobre o mundo. Picasso em sua fase mais íntima, Miró em sua dimensão cósmica. Entre o gesto e o infinito, a cidade desacelera. E o tempo passa a ter outra medida.



Foto de Master 14

7. Subir ao Parque Güell nas primeiras horas da manhã

O mosaico colorido de cerâmica contrasta com o céu de inverno. Dali, é possível ver a cidade e o mar ao mesmo tempo, o resumo visual perfeito do contraste que define Barcelona.



Foto de Andrea Huls Pareja na Unsplash

8. Viver a noite como um catalão

Barcelona é intensa também depois do pôr do sol. De jantares longos no Tapeo e no Bar Cañete a bares de jazz em Eixample ou festas discretas em Gràcia. Nada é apressado. Tudo é vivido.



Foto de Javier Saint Jean na Unsplash

9. Tapas e vinho em El Born

O bairro boêmio ganha um charme especial nos dias de inverno. Pequenos bares de pedra, taças de garnacha e pratos que chegam em sequência: polvo grelhado, jamón ibérico, croquetes, queijos e risadas. Tudo ali é experiência e sabor.



Foto de Naki Chikhladze na Unsplash

10. Se perder de propósito

Barcelona é uma cidade que se revela devagar. Sem roteiro, ela mostra seus melhores ângulos: uma fachada modernista, um ateliê escondido, o cheiro de café, o mar no fim da rua. É o tipo de cidade que não se visita, se sente.

DESTINOS
AMÉRICAS

VAIL

O luxo da liberdade.



Abra o Spotify, escaneie o Spotify Code e ouça a música inspirada na reportagem.

Existem lugares em que tudo parece acontecer no ritmo exato do desejo.

Vail é um desses lugares.

Aqui, a liberdade tem trilhas, gôndolas e calçadas de pedra aquecida. Não é a liberdade de quem foge do mundo, mas a de quem o escolhe, e o molda à sua vontade.

Nada é improvisado, e ainda assim tudo parece natural. Como se o mundo tivesse aprendido a funcionar para que as pessoas pudessem apenas viver.

À beira do rio que corta a vila, o Gore Creek, a vida corre com a mesma elegância que a água se move entre as pedras. As pessoas passeiam devagar, ouvindo o murmúrio do gelo derretendo. Há algo hipnótico nesse som. Como se o tempo respirasse ali, entre o riso das crianças e o tilintar das taças no after ski.

E ali perto, em posição de guarda silenciosa, está o soldado-esquiador de bronze, homenageando a 10th Mountain Division. Foram esses soldados que treinaram em Camp Hale durante a Segunda Guerra e, anos depois, transformaram o Colorado em um

berço do esqui moderno. A história de Vail nasce, em parte, desse espírito: coragem, montanha e a sensação de que a neve pode revelar versões melhores de nós mesmos.

Também é impossível falar de Vail sem falar da Vail Resorts. Uma das maiores empresas de estações de esqui do mundo, ela conecta o destino a uma rede que atravessa continentes, oferecendo acesso a dezenas de montanhas na América do Norte, Europa, Japão e Austrália.

Mas seu papel vai além da escala: a empresa não apenas administra Vail, ela o coreografa. Das operações impecáveis aos sistemas de transporte, do cuidado com o vilarejo ao investimento contínuo em tecnologia, tudo ali revela uma lógica silenciosa: fazer do inverno uma experiência leve para quem chega e uma engenharia brilhante para quem sustenta tudo nos bastidores.

O resultado é essa experiência quase invisível de eficiência absoluta. E quando falamos de perfeição, falamos das pistas groomed de Vail, aquelas superfícies lisinhas, "penteadas" durante a madrugada

como se alguém tivesse passado a mão na neve até deixá-la brilhando. É um privilégio raro descer uma montanha assim. É como se as pistas tivessem sido preparadas exatamente para você.

As pessoas aqui parecem mais soltas. Riem mais. Se permitem errar a curva, cair na neve fofa, levantar sorrindo. É como se a eficiência americana tivesse encontrado a alma do inverno europeu, e juntas tivessem decidido que viver bem é também viver leve.

Talvez por isso Vail seja menos sobre escapar e mais sobre pertencer.

Porque a liberdade, quando bem desenhada, tem esse poder: fazer o viajante se sentir em casa, mesmo a três mil metros de altitude.

E quando o dia termina, e o sol pinta de dourado as montanhas ao redor, vemos as pessoas caminhando ao longo do rio, sem pressa alguma.

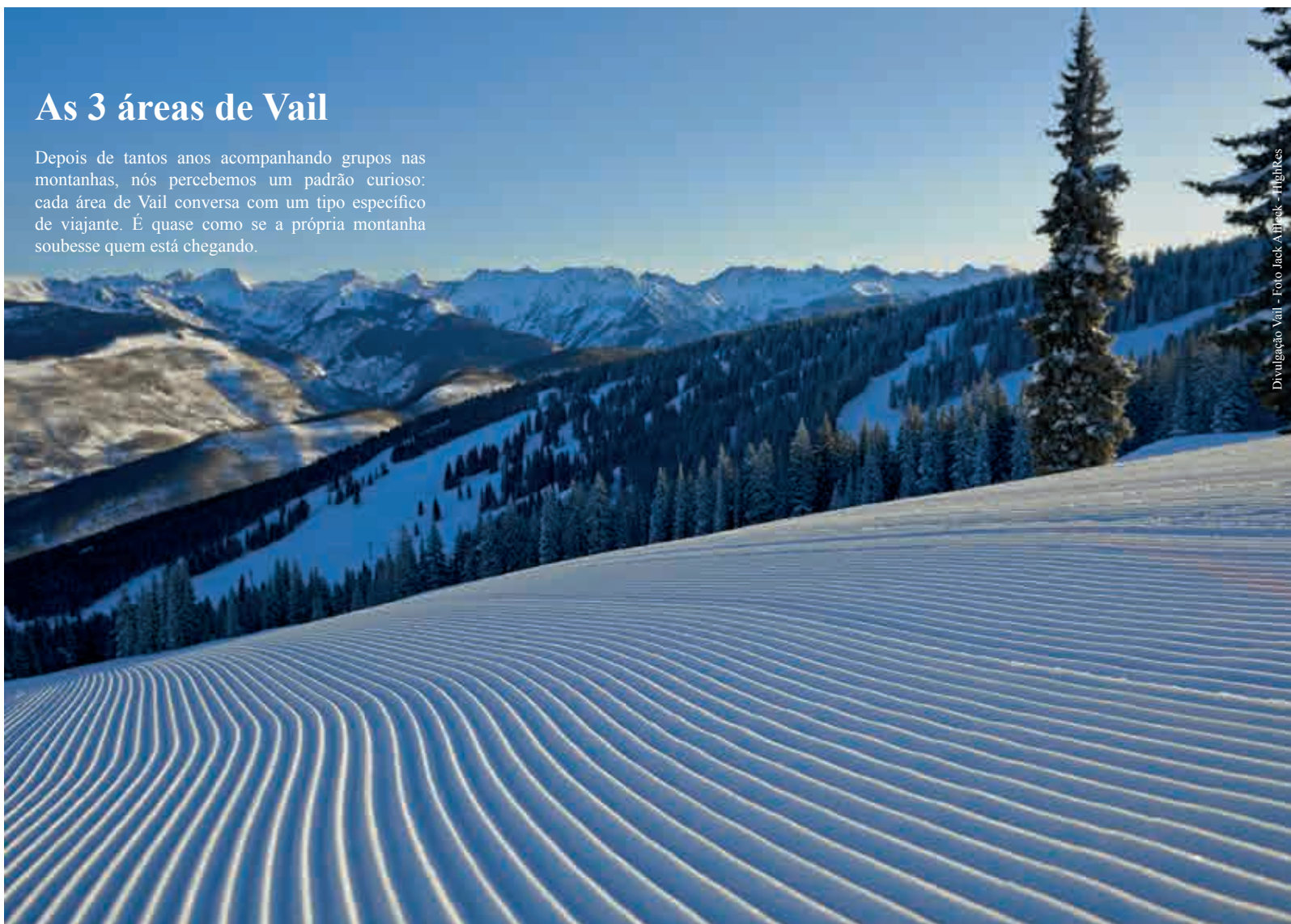
Elas talvez não saibam, mas estão experimentando o verdadeiro luxo.

O luxo da liberdade.



As 3 áreas de Vail

Depois de tantos anos acompanhando grupos nas montanhas, nós percebemos um padrão curioso: cada área de Vail conversa com um tipo específico de viajante. É quase como se a própria montanha soubesse quem está chegando.



Divulgação Vail - Foto Jack A. Hines - HighRes

Front Side

A Front Side é o território dos que gostam de estrutura.

Pistas groomed perfeitas, teleféricos pontuais, restaurantes estratégicos no caminho e descidas largas que dão confiança.

Esse é o espaço de quem prefere começar o dia com clareza e controle: famílias, iniciantes seguros e viajantes que valorizam conforto e eficiência.



Divulgação Vail - Foto Daniel Mitchev - HighRes



Divulgação Vail - Foto Daniel Mitchev - HighRes



Back Bowls

Os Back Bowls atraem quem gosta de ir além do óbvio. Quem busca os “fora de pista”. Eles preferem espaços amplos, neve farta, silêncio e aquela sensação de aventura sem exageros. É onde vemos os esquiadores mais inquietos do grupo, os que querem “ver o que tem depois da dobra

da montanha”. Eles buscam liberdade, variedade e aquela descida que não se parece com nenhuma outra.

Blue Sky Basin

No Blue Sky Basin predominam os que procuram experiência, não só performance.

Esqui entre árvores, trilhas mais estreitas e um clima mais isolado fazem desta área o refúgio perfeito para quem quer se sentir parte da paisagem.

É onde estão os viajantes que gostam de ritmo próprio, de silêncio e de uma relação mais íntima com a montanha.



Vamos esquiar em Vail?



TRUSTO

OS 3 PRINCIPAIS BAIRROS DE VAIL

Três maneiras de viver a montanha.

Para quem viaja com a gente, entender Vail é também entender seus “bairros”.

Cada um deles cria uma atmosfera própria, um jeito diferente de chegar, andar, comer e aproveitar a montanha.

É como se Vail oferecesse três versões da mesma experiência, todas conectadas, todas eficientes, mas cada uma com sua personalidade.

Vail Village

Vail Village é o endereço mais tradicional e charmoso da montanha.

É aqui que tudo acontece: as ruas de pedra aquecidas, as lojas, os bares, os restaurantes premiados e aquela vida de vila alpina que parece saída de um filme.

A Gondola One coloca você direto nas pistas da Front Side, rápido, fácil, sem atrito.

Para quem busca atmosfera, conveniência e o melhor after ski, Vail Village é o centro nervoso da experiência.

É o bairro onde a montanha encontra a sofisticação.



Lionshead

A poucos minutos de caminhada da Village, mas com alma própria, Lionshead é mais moderno, mais plano e mais “clean” visualmente.

Tem um ritmo organizado, prático, quase suíço.

A Eagle Bahn Gondola parte daqui, perfeita para quem quer ir direto ao ponto e subir a montanha de forma rápida e eficiente.

Os hotéis são maiores, as áreas abertas convidam ao passeio, e tudo por aqui parece funcionar com a precisão de quem sabe receber famílias, grupos grandes e viajantes que valorizam conforto sem complicação. Lionshead é onde a experiência fica leve, descomplicada e perfeitamente integrada.



Foto arquivo pessoal



Foto Daniel Milchev - HighRes



Foto Jack Affleck - HighRes

Cascade Village

Cascade Village é a área mais tranquila de Vail, e talvez a mais subestimada.

Menos movimento, mais privacidade, mais sensação de retiro.

Para quem aprecia discrição, acesso fácil e hotéis com foco em bem-estar, é um ponto perfeito.

É o bairro escolhido por viajantes que querem estar “em Vail”, mas com a sensação de um refúgio dentro do destino.

Aqui, a montanha fala baixo, e a experiência ganha profundidade.



Foto Craig Orsini - HighRes



Foto Jack Affleck - HighRes

Números de Vail

- Área esquiável: 5.317 acres
- Base: 2.454m
- Topo: 3.527m
- Desnível: ~1.051m
- Perfil das pistas: ~ 278, sendo 18% iniciantes, 29% intermediárias, 53% avançadas/experts.
- Lifts: 32

053

LOS TRES VALLES

Los Tres Valles é o nome que a Cordilheira dos Andes escolheu para reunir três montanhas distintas em um único território de neve. El Colorado, La Parva e Valle Nevado formam um sistema integrado de pistas, vales e altitudes que funciona como um só corpo, a menos de uma hora de Santiago. Aqui, o esqui não se limita a uma estação: ele flui de uma montanha à outra, mudando de ritmo, paisagem e atmosfera, mas mantendo a mesma essência andina. Los Tres Valles é diversidade em continuidade, três personalidades, um mesmo inverno, e a sensação rara de percorrer a montanha sem fronteiras.

OS4

VALLE NEVADO



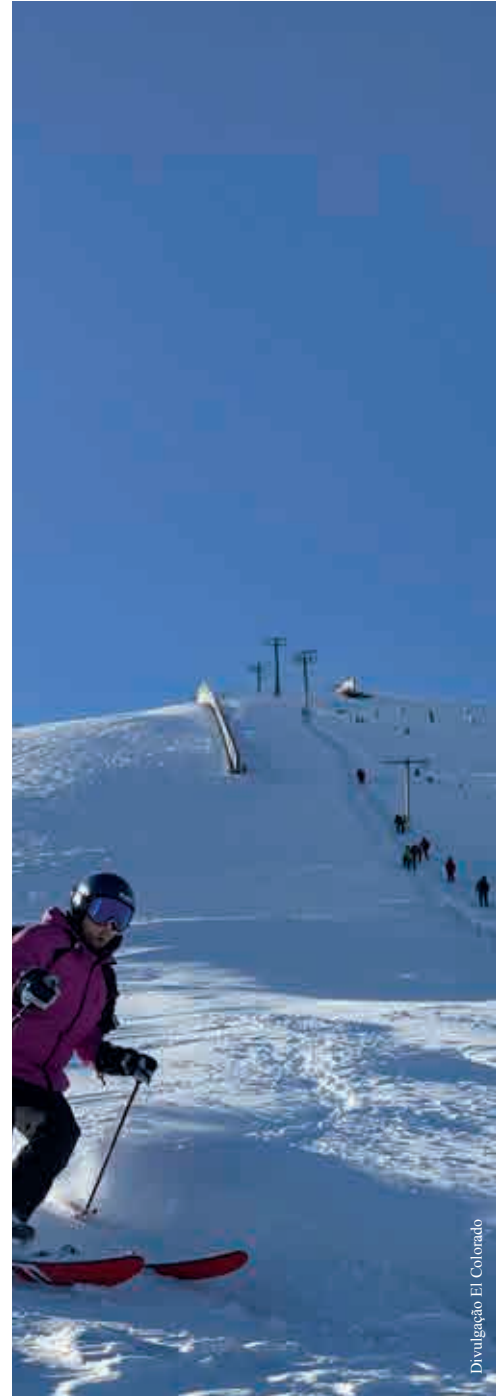
Divulgação Valle Nevado

LA PARVA



Divulgação La Parva

EL COLORADO



Divulgação El Colorado

VALLE NEVADO

O lugar onde a altitude revela o que o olhar esconde.

Chegar a Valle Nevado é como entrar em um pensamento da própria cordilheira.

A estrada se enrosca na montanha, Santiago desaparece numa curva, e tudo que era cotidiano vai ficando pequeno, lá embaixo, como se perdesse a capacidade de nos alcançar. Há destinos que acolhem; Valle Nevado conduz. Conduz para cima, mas sobretudo para dentro.

Sempre sentimos que aqui a altitude não é apenas geografia, é estado de espírito.

A 3.000 metros, o mundo muda de comportamento. O ar afina, a luz ganha uma nitidez que chega a ser honesta demais, e a paisagem, tão ampla, quase nos obriga a diminuir o passo. É como se a montanha dissesse: respira. Eu espero.

Valle Nevado nasceu desse gesto ousado de imaginar grande onde antes existia apenas vento.

Nos anos 1980, quando um grupo franco-chileno decidiu criar, no coração dos Andes, uma estação com alma de Alpes, inspirada, inclusive, na lógica de integração de Les Trois Vallées. O projeto parecia exagerado. Mas a montanha entendeu a ambição. E devolveu algo maior: um vale aberto, amplo. Um lugar feito para o inverno se sentir em casa.

Essa inspiração não ficou apenas no conceito. Ela atravessou o tempo e virou conexão real: acordos internacionais passaram a aproximar os dois destinos, criando benefícios cruzados para quem esquia lá e aqui — como se, de alguma forma, os Alpes e os Andes compartilhassem a mesma ideia de inverno.

O curioso é que, apesar de toda a estrutura moderna, Valle Nevado tem uma poesia involuntária.

Talvez seja o modo como as pistas desenham linhas suaves no relevo, quase caligrafia.

Talvez seja a distância entre as pessoas e o chão, quando as cadeiras sobem tão alto que o silêncio vira idioma.

Talvez seja a maneira como a neve aqui se comporta. Seca, leve, quase tímida, como se soubesse que é observada.

Mas o que sempre nos chama atenção não é a montanha.

São as pessoas diante dela.

O esquiador iniciante, por exemplo, chega com uma mistura de medo e expectativa que a altitude realça, não esconde.

Os experientes chegam com aquela fome particular de quem sabe que a velocidade também pode ser contemplação.

As famílias se dispersam e se reencontram como pássaros. Um sobe cedo, outro fica no café, outro tira foto demais.

E Valle Nevado, lá de cima, vê tudo.

Há um traço humano que se revela especialmente aqui: a vulnerabilidade.

A altitude tira filtros.

Quando o sol reflete na neve, ninguém consegue esconder o próprio brilho, nem a própria fadiga boa.

E talvez seja por isso que tantas conversas bacanas acontecem no fim do dia, quando as pessoas voltam para a base com o rosto marcado pelo vento e a sensação de que viver também cansa, e vale a pena.

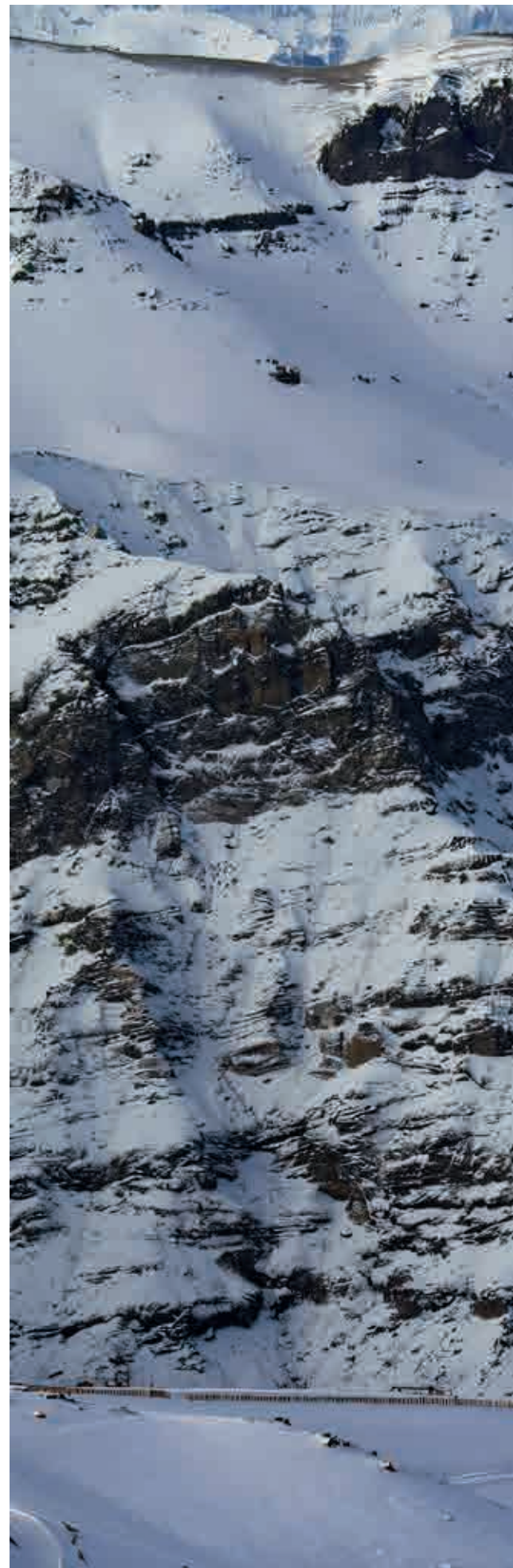
Valle Nevado guarda uma curiosidade que sempre nos emociona: ao anoitecer, quando o céu se torna um azul impossível, as luzes dos hotéis, espalhadas pela encosta, parecem estrelas que desceram só para acompanhar o inverno de perto. É um espetáculo silencioso, quase íntimo, que só existe porque a altitude permite que a noite chegue pura, sem interferências.

E então tudo se aquieta.

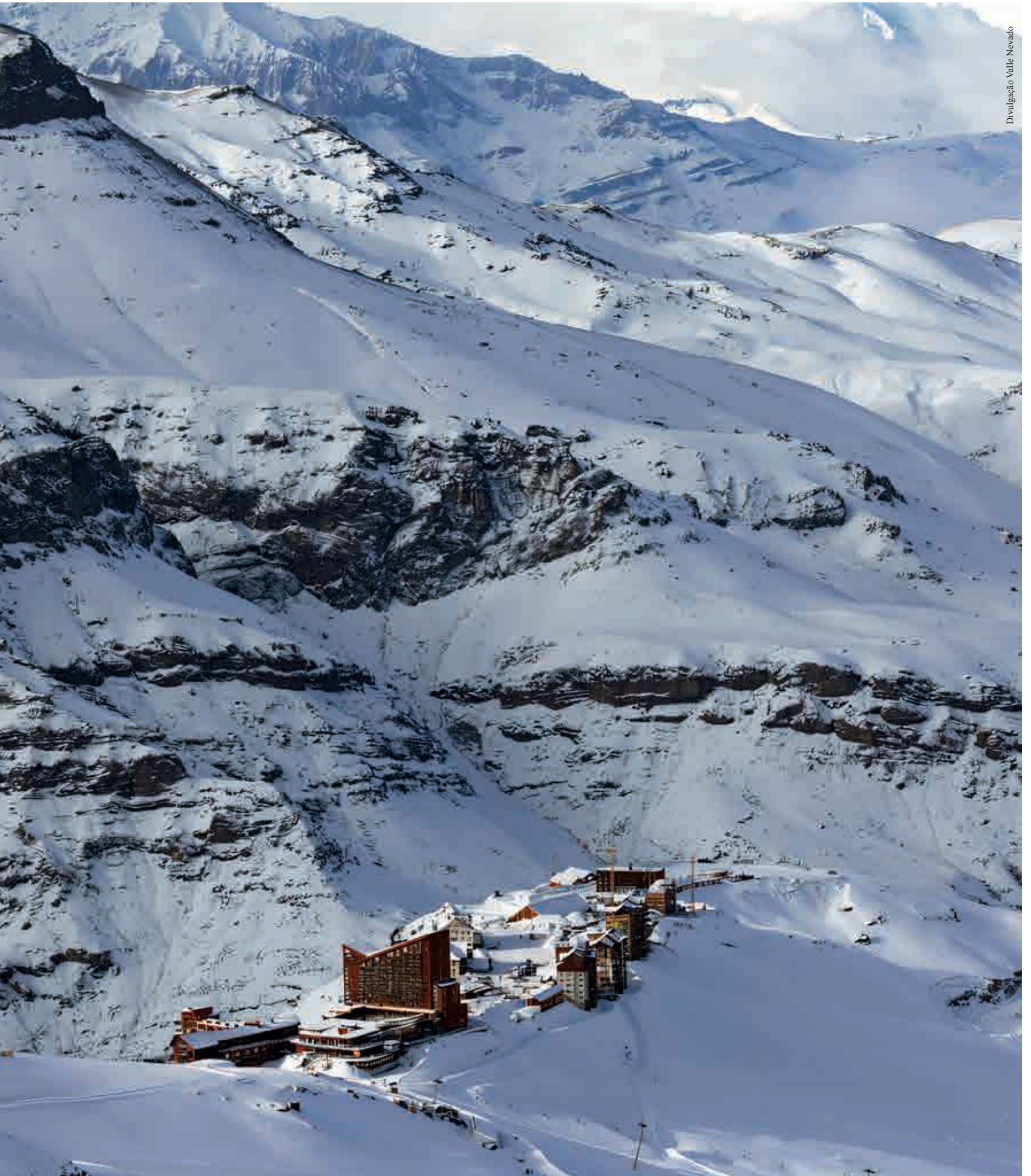
O barulho da estação diminui, os passos ficam mais lentos, e o vale, tão grande durante o dia, parece caber inteiro em um único pensamento. É nesse instante que entendemos o Valle Nevado. Ele não foi feito para impressionar, mas para ampliar.

Ampliar a vista, ampliar o fôlego, ampliar a percepção que temos de nós mesmos quando estamos tão perto do céu que dá até para acreditar que o mundo é maior do que lembrávamos.

Valle Nevado é isso. Uma montanha que nos observa em silêncio e, sem pedir nada, devolve profundidade. Um lugar onde a neve não cobre. Revela.



Vamos esquiar no Valle Nevado?





Divulgação Valle Nevado

058



Divulgação Valle Nevado



Divulgação Valle Nevado



Divulgação Valle Nevado



Divulgação Valle Nevado



Divulgação Valle Nevado



Divulgação Valle Nevado

Números do Valle Nevado

- Área esquiável: 900 hectares
- Base: 2.860m
- Topo: 3.670m
- Desnível: ~810m
- Perfil das pistas: ~ 44, sendo 12% iniciantes, 29% intermediárias, 41% avançadas e 18% experts.
- Lifts: 17

059

LA PARVA

A montanha que sabe de onde veio.

La Parva carrega décadas no olhar.

Quando subimos suas curvas, sempre temos a sensação de que estamos entrando num território que aprendeu a crescer devagar, respeitando tanto a montanha quanto o inverno. Ela nasceu nos anos 1950, quando um grupo de famílias chilenas decidiu transformar aquela encosta íngreme e silenciosa em algo raro para a época: uma estação de esqui voltada à comunidade, mas construída com a ambição estética e técnica das grandes montanhas do mundo.

Enquanto outras estações chilenas surgiram primeiro como pontos de passagem ou como experimentos esportivos, La Parva começou como uma vila, um gesto de pertencimento. Os primeiros chalés eram simples, quase rústicos, mas carregavam uma ideia que permanece até hoje: viver o inverno como estilo de vida, não apenas como temporada.

Sentimos isso todas as vezes que chegamos.

La Parva tem aquele tipo de elegância que se insinua. É uma estação alta, sim, com vistas que rasgam o vale de Santiago e chegam, nos dias límpidos, até um horizonte que parece não ter fim. Mas o que realmente impressiona é a forma como ela se organiza na montanha, quase como uma aldeia alpina transplantada para os Andes.

E a história deixou marcas curiosas.

Nos anos 1970, por exemplo, muitos dos esquiadores mais experientes do Chile passaram a treinar aqui por causa da altitude e da inclinação técnica. Aos poucos, La Parva virou laboratório de talentos, e até hoje é

comum encontrar atletas profissionais compartilhando pista com famílias que esquam juntas há gerações. Outro detalhe fascinante.

La Parva tem uma orientação que cria um jogo de sombras muito particular. Algumas faces mantêm a neve firme por mais tempo; outras recebem luz intensa e geram aquele brilho que parece feito para fotografia. Há dias em que o vento, vindo do passo argentino, atravessa a montanha com força, e quando isso acontece, as pistas mudam de personalidade, ganham textura, ficção, história.

E talvez a maior curiosidade seja que La Parva é, silenciosamente, uma das estações mais conectadas dos Andes.

Faz parte do trio que inclui El Colorado e Valle Nevado, as três montanhas irmãs que desenham o famoso “circuito dos vales”. Para quem conhece, esqui entre elas é quase como caminhar entre capítulos de um mesmo livro, cada uma com voz diferente, mas todas contando a mesma história: a do esqui chileno como forma de identidade.

Quando o dia termina, La Parva ganha outra dimensão. As luzes se acendem nos chalés espalhados pela encosta, formando um mosaico de pequenas constelações. O aroma de caldos lentos e lenha queimada sobe para a rua principal. E a montanha parece guardar o dia dentro de si.

Nesses momentos, entendemos por que La Parva é tão especial.

Porque ela não vive para impressionar viajantes, vive para preservar uma cultura.

É um daqueles lugares que carregam a memória do esqui chileno e, ao mesmo tempo, a leveza de uma vila que aprendeu a conversar com o inverno.

*Quer
conhecer
La Parva?*





2023





Divulgação La Parva



Divulgação La Parva

Números de La Parva

- Área esquiável: 900 hectares
- Base: 2.653m
- Topo: 3.574m
- Desnível: ~921m
- Perfil das pistas: ~ 40, sendo 15% iniciantes, 45% intermediárias, 30% avançadas e 10% experts.
- Lifts: 15

EL COLORADO

A montanha onde o inverno aprendeu a ser cotidiano.

Tem montanha que nasceu grande.

El Colorado nasceu próxima.

Próxima de Santiago. Próxima das famílias. Próxima da história do esqui chileno que começou de maneira quase improvisada, ali mesmo, nas encostas de Farellones, ainda nos anos 1930 e 40, quando os primeiros entusiastas subiam a cordilheira sem imaginar que estavam abrindo caminho para uma cultura inteira.

Nos anos 1950, enquanto o Chile começava a organizar suas primeiras estruturas formais de inverno, El Colorado se consolidava como estação. Não nasceu como projeto grandioso nem como símbolo internacional. Nasceu prática. Funcional. Uma montanha pensada para ser usada.

E talvez seja justamente isso que a torne tão especial. Aqui, o esqui nunca foi performance isolada. Foi hábito. Foi encontro de fim de semana. Foi geração ensinando geração. Enquanto outras estações buscavam identidade pela imponência, El Colorado foi construindo a sua pela familiaridade. O chileno aprendeu a esquiá aqui. Aprendeu a cair aqui. Aprendeu a voltar aqui.

E, com o tempo, aprendeu também a voar.

Porque é aqui que o freestyle ganhou espaço real na cordilheira. Os snowparks de El Colorado se tornaram referência. Consistentes, bem desenhados e vivos ao longo da temporada. Hoje, são considerados entre os melhores da América do Sul. Não como espetáculo isolado, mas como extensão natural dessa cultura: gente que cresce na montanha e, um dia, decide sair do chão.

A gente sente isso quando chega.

As pistas largas parecem entender o iniciante. O desenho natural da montanha, quase em formato de anfiteatro, abraça quem desce. O topo sempre visível cria uma sensação rara de orientação. Você nunca está perdido. E quando a neve fica seca e leve, aquele som

sutil do esqui riscando a superfície vira trilha sonora de décadas de histórias repetidas. Mais abaixo, nos parks, esse som muda de ritmo, ganha impacto, pausa, suspensão. Outra linguagem, mesma montanha.

El Colorado cresceu junto com o próprio desenvolvimento do circuito andino. A conexão posterior com o sistema dos “Tres Valles” ampliou território, mas não alterou essência. Ela continua sendo a estação onde o inverno acontece com naturalidade.

Sem excessos.

Sem espetáculo forçado.

Sem distância.

Há algo profundamente honesto nisso.

No fim da tarde, quando o sol atravessa a encosta e o vento começa a mudar de direção, é possível imaginar as primeiras cabanas, os treinamentos improvisados, as crianças que hoje são pais e avós repetindo o mesmo ritual. Subir cedo, descer até as pernas cansarem, terminar o dia com conversa longa e rosto queimado de frio. E, entre uma geração e outra, novas linhas sendo traçadas no ar.

El Colorado não é a montanha que grita.

Ela é a que permanece.

Enquanto Valle Nevado impressiona pela altitude e La Parva preserva a tradição da vila, El Colorado sustenta o cotidiano do inverno chileno. É ali que o esqui deixou de ser novidade, virou cultura e encontrou novas formas de expressão.

E talvez seja essa a sua maior força.

El Colorado não foi feita para parecer eterna.

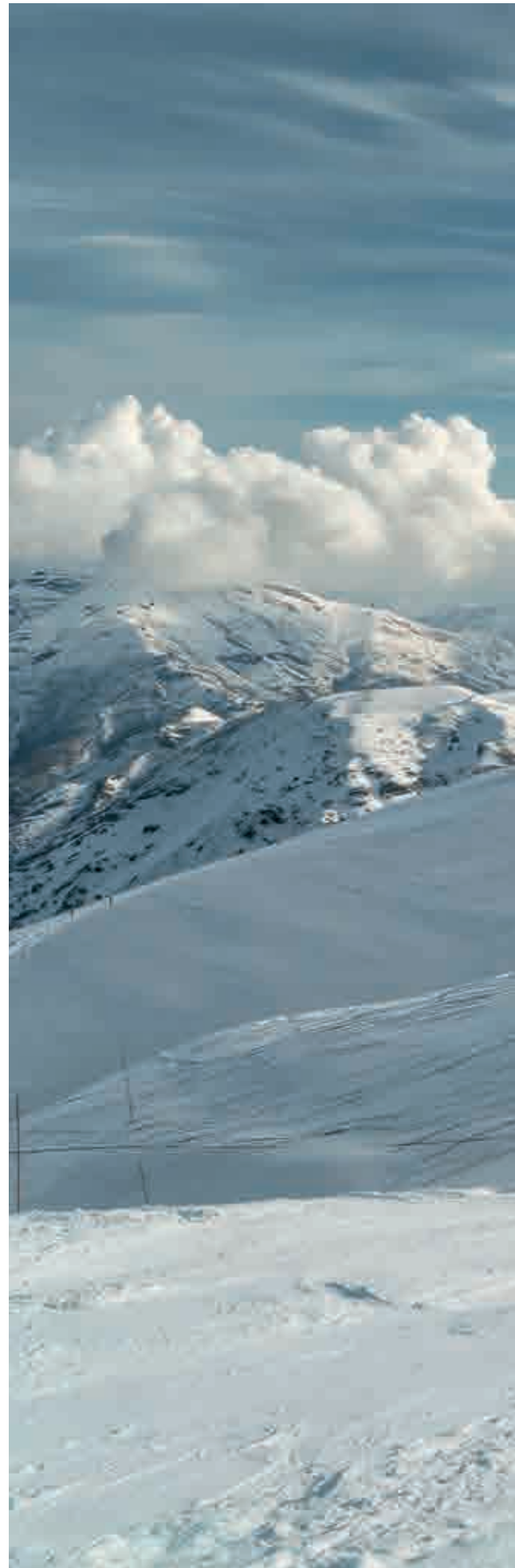
Ela foi feita para ser vivida. De novo, e de novo, e de novo.

E nós sabemos, é justamente isso que a torna indispensável.

Quer viajar para El Colorado?



Divulgação: El Colorado



Números de El Colorado

- Área esquiável: 40km
- Base: 2.430m
- Topo: 3.105m
- Desnível: ~675m
- Pistas: ~ 26
- Lifts: 13



065

ANTÁRTICA

Silêncio que transforma.

Imagine alcançar um dos cantos mais remotos da Terra. Onde o horizonte vira um diálogo entre branco, gelo e vento. A Antártica é o refúgio absoluto do planeta, um continente vestido de gelo e silêncio, quase irreconhecível para quem vive cercado por concreto e calor.

Há cerca de 250 milhões de anos, esse território já foi parte de um supercontinente, banhado por florestas tropicais e habitado por répteis e anfíbios. Com o tempo, o continente se afastou, mergulhou no sul e ganhou sua capa de gelo, transformando-se no mais misterioso e selvagem dos lugares da Terra.

Hoje, a Antártica pulsa um ritmo diferente. O das colônias de pinguins avançando sobre o gelo, das baleias rompendo o oceano gelado, das focas espreitando sob mantos gelados, e dos pássaros marinhos cortando os céus.

A Antártica aparece devagar, como tudo que é grandioso. Primeiro um bloco de gelo. Depois uma cadeia de montanhas brancas, e só então a percepção de imensidão: um continente inteiro, intocado, que existe sem pressa e sem plateia.

É nesse ritmo que embarcamos na experiência.

Os dias não têm a urgência das cidades. De manhã, acordamos com a luz refletida nos picos, enquanto o navio desliza por canais estreitos onde icebergs parecem esculturas em movimento. Mais tarde, desembarcamos em pequenas praias geladas para observar pinguins Adélie, Gentoo e Chinstrap seguindo sua rotina imperturbável, lembrando a todos nós que aqui quem manda é a natureza.

E entre um desembarque e outro, a vida dentro do navio tem um ritmo próprio, quase monástico.

No lounge, especialistas compartilham histórias do

continente. A geologia que moldou essas montanhas, a vida secreta das baleias, o comportamento das aves, o impacto do vento e das correntes. São conversas que ampliam o olhar, não como aulas, mas como confidências de quem dedicou a vida a este pedaço de mundo.

À noite, enquanto o navio ancora em alguma enseada protegida, os passageiros se reúnem para assistir aos vídeos e briefings do dia seguinte. As imagens mostram o que vamos encontrar. Uma baía repleta de gelo azul, uma colônia escondida no topo de uma crista, um canal tão estreito que parece um corredor de catedral. E nessa expectativa silenciosa, percebemos que viajar pela Antártica não é apenas explorar, é antecipar o espanto.

Do lado de fora, a paisagem se transforma sem pedir licença. Às vezes uma baleia rompe o oceano e desenha seu próprio sopro no ar gelado. Às vezes a luz muda, e o branco se torna prata. Há momentos em que o silêncio é tão absoluto que ouvimos o gelo se movendo, como o continente respirando.

A cada noite que cai, sentimos que estamos mais longe do mundo, mas mais perto de nós mesmos. A Antártica tem esse poder paradoxal. Nos isola e nos revela. O frio é apenas parte do enredo; o que realmente nos toca é a sensação de vulnerabilidade, de humildade, de privilégio.

Porque no fim, quando voltamos ao abrigo quente do navio, percebemos que não viemos até aqui para “ver gelo”.

Vimos para sentir a vida na sua forma mais antiga. Vimos para nos lembrar de que ainda existem lugares onde o planeta fala mais alto do que qualquer palavra nossa.







068



PUNTA ARENAS

O portal antes do gelo.

Antes de subirmos ao avião rumo ao branco infinito, existe um ponto no mundo onde a pele sente o vento do fim do mundo e a alma começa a se preparar: Punta Arenas. A cidade marca o encontro entre o histórico Estreito de Magalhães e o mar, e por isso mesmo guarda no ar o sabor das grandes travessias, aquelas que ainda acendem o espírito aventureiro. Chegar em Punta Arenas é mais do que uma escala. É atravessar um limiar. As ruas, às vezes frias, às vezes ensolaradas, têm calçadas que lembram antigas jornadas de exploradores, e caminhar por ali é quase pisar nos passos de nomes como Ernest Shackleton ou Roald Amundsen, que partiram dali em buscas polares.

Neste prelúdio ao continente branco, há pequenos rituais que preparam o corpo e a mente. Ao desembarcar, você é recebido por uma equipe local, a Crew “terra firme” da Antarctica21, que se encarrega de transformar a chegada em algo leve, eficiente e cheio de propósito. Lá mesmo você recebe suas botas: provam-se à prova de frio e, a cada ajuste, uma certeza de que não há retorno, a jornada começa.

Na noite de boas-vindas, num jantar com sabor

patagônico, as conversas já caminham para o sul. Entre rostos de viajantes, há quem conte sonhos, quem conte surpresas, quem conte expectativas e todos trocam olhares com o desconhecido que virá.

Os contornos urbanos dão lugar à memória. Um porto centenário, o cais Arturo Prat Pier, testemunha expedições desde o início do século XX, as mesmas que ajudaram a construir a ponte entre o homem e o continente de gelo. Caminhar por ali é viajar no tempo e sentir a vibração de quem ousou primeiro.

Para quem tiver o dia livre antes do voo, vale absorver os sinais da cidade-porta: museus, ruas antigas, relatos de quem dedicou a vida a estudar o Antártico. No Instituto de la Patagonia, por exemplo, história e ciência se misturam e é ali que entendemos que Punta Arenas não é um ponto de partida qualquer: é base logística e cerebral de incontáveis missões ao Sul.

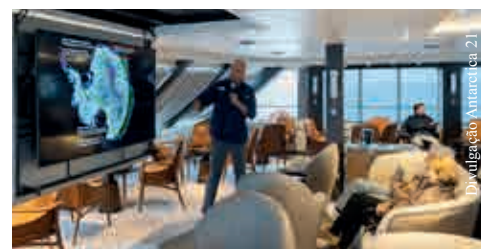
Quando a hora de partir chega, voo rápido sobre o mar, 2 horas até a chegada no continente gelado. Há um estranhamento doce: o corpo desacelera, a respiração espessa, o tempo parece se desenrolar de uma outra forma. A ponte está feita. O portal se fecha. E o continente branco espera.



Divulgação Antarctica 21



Divulgação Antarctica 21



Divulgação Antarctica 21



Divulgação Antarctica 21

REFÚGIOS

O mundo desacelera e o instinto assume.

Há séculos, quando o ser humano começou a desafiar as montanhas cobertas de neve, surgiram os primeiros refúgios. Pequenas construções de pedra e madeira, erguidas mais pela necessidade do que pela arquitetura, abrigos para quem ousava cruzar montanhas quando o vento se tornava sentença.

Ali, o fogo era o centro do mundo. E o silêncio, uma forma de oração.

Com o tempo, esses abrigos deixaram de ser apenas paradas de sobrevivência. Tornaram-se pontos de encontro.

Viram nascer amizades improváveis, pactos silenciosos, histórias que só existem quando o frio aperta.

Os refúgios evoluíram em clubes para receber esquiadores experientes. Espaços onde se compartilhavam rotas, tempestades e aquela sensação rara de pertencer a um mesmo instinto.

Mais do que proteger do frio, passaram a abrigar uma irmandade: a dos que buscam o limite.

Hoje, mesmo com taças de vinho, lareiras controladas e helicópteros à disposição, o espírito é o mesmo.

Todo refúgio nasce do mesmo impulso: a vontade de parar o tempo e ouvir o próprio eco no branco.



Divulgação Mallin Alto



Divulgação Mallin Alto



Abra o Spotify, escaneie o Spotify Code e ouça a música inspirada na reportagem.



PORTO

ARGENTINA BAGUALES

A montanha como ela é.

Baguales fica a cerca de 1 hora de Bariloche, seguindo pela Ruta 40. O acesso já dá a dica: conforme a estrada sobe, o “mundo normal” vai ficando pra trás. O Baguales Mountain Reserve é uma área enorme, privada, com operação focada em cat-skiing. Nada de filas, nada de estrutura de resort, e é isso que o torna especial.

Aqui, o esquiador passa o dia sendo levado por snow-

cats para diferentes setores da montanha, sempre acompanhado por guias certificados, que conhecem o terreno como quem conhece a própria casa.

As descidas se abrem largas, técnicas e expostas. Há uma sensação rara de montanha intacta, onde nada parece ter sido moldado, tudo simplesmente já estava ali. O Lodge La Mesada, base principal, é confortável, quente e bem equipado. Não é luxo ostentado,

mas tem tudo o que importa: boa comida, bom abrigo, boa equipe e uma vista que explica todo o projeto.

A sensação geral é de estar participando de uma operação profissional, estável e, ao mesmo tempo, totalmente integrada ao ambiente selvagem.



ARGENTINA

MALLÍN ALTO

A Patagônia no modo imersão.

Mallín Alto é outra história, tão forte quanto Ba-guales, mas com outra personalidade.

É um glamping de montanha construído no meio da Patagônia profunda, com domos e cabanas posiciona-dos em um platô que parece fora do mundo.

Aqui, o conforto não compete com a natureza: ele existe para permitir que você fique mais tempo em contato com ela.

O sistema de esqui funciona com snowmobiles e ATVs (veículos para todos os terrenos), levando os grupos para áreas remotas, com possibilidades de 15 a 20 descidas por dia e entre 3.500 e 5.000 metros de vertical. Você escolhe o ritmo, escolhe a linha, escolhe o nível de desafio, sempre guiado por profissio-nais experientes.

A operação é pequena, quase familiar. A comida é

preparada no próprio lodge, as noites são de conversa e vinho, e o ambiente inteiro tem uma honestidade difícil de encontrar em destinos mais comerciais. É rústico no que precisa ser rústico e confortável onde faz diferença.

É o tipo de lugar em que você realmente percebe o tamanho da Patagônia, e o seu próprio tamanho dentro dela.



CANADÁ CARIBOOS

Onde o inverno permanece intacto.

No Canadá, no interior da British Columbia, a cadeia dos Cariboo se estende como um território quase intocado. Aqui, não há vilas aos pés da montanha nem teleféricos recortando o horizonte. O acesso acontece pelo ar. Helicópteros cruzam vales profundos e deixam pequenos grupos em cumes onde a paisagem parece não ter sido atravessada por ninguém.

Os Cariboo são conhecidos pela constância da neve seca e profunda. Tempestades que chegam do Pacífico encontram altitude e frio estável, criando um dos cenários de powder mais consistentes do planeta.

As descidas são longas, com verticais generosas, alternando grandes campos abertos e florestas de pinheiros perfeitamente espaçadas. A sensação é de amplitude absoluta.

A operação é precisa. Equipamentos de segurança, guias experientes, leitura minuciosa de terreno e clima. Aqui, conhecimento é parte essencial da experiência. O helicóptero pousa, o ruído desaparece e, por alguns segundos, tudo é silêncio antes da primeira curva.

Ao final do dia, o refúgio surge como contraste: lodges

isolados, arquitetura de madeira, lareira acesa, sauna quente e gastronomia pensada para o frio extremo. O corpo exausto. A mente expandida.

Cariboo não é sobre ostentação.

É sobre escala.

Sobre profundidade.

Sobre viver o inverno no seu estado mais puro.

Em um mundo cada vez mais acessível, ainda existem lugares que exigem deslocamento, respeito e entrega.

Os Cariboo são um deles.



EUA ALASCA

Latitude extrema. Escala absoluta.

No extremo norte do continente americano, o Alasca não suaviza nada. As montanhas surgem abruptas, afiadas, caindo direto em glaciares e fiordes congelados. Não há transição entre o civilizado e o selvagem. Há ruptura.

Aqui, o acesso também acontece pelo ar, mas a sensação é diferente. O helicóptero não leva apenas ao topo. Ele atravessa uma paisagem que parece maior do que qualquer escala humana. Picos dramáticos, cristas expostas, faces longas que descem como se não tivessem fim.

O silêncio, no Alasca, não é delicado. É imenso.

As tempestades do Golfo do Alasca chegam carregadas, encontram frio intenso e depositam camadas profundas de neve sobre terrenos verticais e técnicos. As descidas são amplas, rápidas, com inclinações que exigem decisão. Aqui, cada linha é uma escolha consciente. É sobre ler a montanha.

Guias experientes estudam vento, formação de placas, textura do terreno. Equipamento completo, protocolos claros, respeito absoluto pelo ambiente. No momento em que o rotor para, o que resta é apenas o

som da respiração dentro do capacete.

O refúgio, ao final do dia, é abrigo verdadeiro. Estruturas sólidas, aquecimento forte, refeições apropriadas, conversas densas. O corpo pede descanso. A mente revisita cada minuto do dia.

O Alasca não entrega leveza.

Entrega grandeza.

É um destino para quem já entende a montanha, e quer vivê-la no seu estado mais cru.



Divulgação Points North Heli-Adventures



Divulgação Points North Heli-Adventures



Divulgação Points North Heli-Adventures





ACONCAGUA

SKI RESIDENCES

x VALLE NEVADO

Apartamentos premium com serviços de hotel. Uma nova forma de viver a montanha em Valle Nevado, Chile, junto com sua família e amigos.



ESPAÇO E CONFORTO

Aconcagua Ski Residences oferece uma nova forma de se hospedar em Valle Nevado. Combina a amplitude e a liberdade de um apartamento com o conforto de uma experiência de montanha superior.

Com opções para 2, 4, 5, 6 e 7 hóspedes, é ideal para quem busca mais espaço, privacidade e uma estadia mais flexível na cordilheira.

Além disso, seus hóspedes podem acessar outros serviços pagos do resort, como restaurantes, bares, lojas e serviços de montanha.

Uma proposta pensada para aproveitar a montanha com mais espaço, flexibilidade e conforto.



SERVIÇOS INCLUÍDOS



Concierge 24 horas



Shuttle exclusivo dentro de Valle Nevado



Café da manhã no seu apartamento



Ticket interligado Valle Nevado - La Parva



NEVADOS DE CHILLÁN
RESORT DE MONTAÑA, SKI & AGUA TERMAL

ÁGUAS TERMAIS, HOTÉIS E PISTAS DE SKI





HOTEL NEVADOS DE CHILLÁN



HOTEL ALTO NEVADOS



ESQUI NOTURNO

Grupos de Neve

A MONTANHA UNE O QUE JÁ ERA LAÇO E CRIA O QUE AINDA NÃO EXISTIA.

*Do Quebra-Gelo à última descida,
o que realmente se constrói na montanha é conexão.*

Aprendemos algo ao longo das temporadas: a neve não é o começo da viagem. Ela é o cenário. O que realmente transforma a experiência são as pessoas. No Point da Neve, quando falamos dos Grupos de Amigos, Famílias e Pais & Filhos, falamos de energia. De dinâmica. De conexão. Cada grupo tem um ritmo próprio, uma história em construção, uma expectativa silenciosa. Por isso criamos os nossos Quebra-Gelos. Antes do embarque, todos se encontram. Conversam. Riem.

Descobrem afinidades. O grupo deixa de ser uma lista de nomes e passa a ter alma. Quando a viagem começa, a sintonia já está formada. E então a montanha revela o resto. Amigos se redescobrem fora da rotina. Famílias desaceleram e criam memórias comuns. Pais e filhos encontram, na imensidão branca, um espaço raro para estarem lado a lado, não apenas como papéis, mas como parceiros. Nós cuidamos da logística, mas, acima de tudo,

cuidamos da energia coletiva. Observamos o ritmo, protegemos a harmonia, criamos momentos de encontro.

Porque a neve é passageira. O que permanece é a amizade fortalecida, a família mais unida, a conexão que atravessa temporadas. A montanha impressiona. Mas o que realmente nos move é o que nasce entre as pessoas diante dela.



Abra o Spotify, escaneie o Spotify Code e ouça a música inspirada na reportagem.

Grupos Amigos

Foto arquivo pessoal

Fernando Sommer**Equipe Iguana**

Foto arquivo pessoal

“Pratico esqui desde 1997. Sou cliente do Point da Neve, onde tive o privilégio de conhecer o Beto Valle, Cris Simões e Sandro Saltz, e suas equipes. Participava de um grupo de amigos e esquiadores, que acabou se dissolvendo ao longo do tempo. E em 2022, o Cris me convidou para a viagem de comemoração dos 20 anos do Grupo Confraria de Montanha Equipe Iguana, em San Martín de Los Andes (Cha-

pelco), onde já conhecia alguns integrantes, por serem meus clientes na empresa que trabalho. Foi uma experiência espetacular, pela parceria, organização e gestão de grupo, do mestre Capita Cris.

Em uma de suas publicações no Instagram, o Capita fez uma citação muito legal sobre vínculos verdadeiros. Foi a mensagem que faltava pra eu participar desse grupo espetacular.”

Villa La Angostura

Foto arquivo pessoal

Theo More

Foto arquivo pessoal

“A neve faz parte da minha vida desde os 10 anos. Desde a primeira vez que esquiei, viajei com a agência do Beto Valle, que logo depois veio a fundar o Point da Neve com os demais sócios. Sempre fui muito bem assessorado por especialistas que realmente entendem desse universo. Isso me deu segurança e criou, ao longo dos anos, uma conexão verdadeira com a montanha e com o esporte.

Há mais de 10 anos faço parte do Grupo Equipe Iguana, idealizado pelo Cris Simões. É um grupo que

existe há mais de 2 décadas e que viaja todo inverno para as montanhas nevadas. Hoje, aos 47 anos, continuo vivendo o ski e o snowboard com a mesma paixão, mas com um sentimento muito forte de pertencimento. Estar com o Iguanas é compartilhar esporte, desafios, histórias e amizade na montanha. Não é só sobre descer as pistas, é sobre fazer parte de algo que permanece e me acompanha dentro e fora da neve.”

Grupos Famílias



Marta Hemb

Aspen Snowmass



“Minha primeira experiência no esqui foi aos 7 anos, quando morei em Boston com minha família. Na segunda descida, torci a perna e precisei parar; doeu tanto que prometi nunca mais esqui. Aos 17 anos, meu pai me convidou para ir com o Beto Valle ao Chile. Foi incrível, e nos 2 anos seguintes, esquiei mais 3 vezes. Depois, a faculdade, intercâmbios e outras prioridades me afastaram das pistas. Há 3 ou 4 anos, em uma conversa com amigos, soube que iriam esqui com o Cris, o Beto Tonin e a ga-

lera do Point da Neve. Impulsiva, disse que iria levar meus filhos, mesmo sem lembrar muito de como esqui. Liguei para o Beto e disse: “Tô dentro!” Desde então, já esquiei 4 vezes, incluindo uma viagem a Aspen e Valmorel com 3 semanas de intervalo. Brinco que hoje em dia, o Cris, o Beto e a galera do Point são os responsáveis por realizar meus sonhos. Meu desejo é que eu, enquanto tiver saúde, consiga acompanhar essa turma pelo menos 1 vez por ano pelas montanhas do mundo! Valeu, Point da Neve!”

Alpe D'Huez



Eva Teló



“Para nós foi uma experiência apaixonante que nos desafiou e conseguimos chegar ao desafio de conseguir esqui, foi nossa primeira vez no ski. Foi apaixonante e dividir estes momentos com nossos amigos tornou tudo ainda mais especial, criando memórias que ficarão para sempre em nossos corações. Já esta-

mos contando os dias para o próximo inverno, prontos para aprender e viver tudo de novo! Queremos agradecer o Sandro da agência Point da Neve que organizou e superou todas nossas expectativas. Um abraço da nossa família Téó, Eva, Luís e Léo Teló.”

Grupos Pais & Filhos

Foto arquivo pessoal

Diogo Carvalho**Chillán**

Foto arquivo pessoal

“Uma viagem como essa, só pais e filhos, ou pais e filhas, é um sonho. Desde o momento em que a gente descobre que vai ser pai, começa a imaginar uma série de coisas, e uma delas é poder viajar sozinho com um dos filhos. No meu caso, tenho dois: o Francisco, que foi comigo e tem nove anos, e o Frederico, que tem cinco e ainda não tinha idade para ir, mas com certeza faremos uma só eu e ele no futuro.

Viajar sozinho com um filho é o sonho de todo pai. Existe algo muito especial nessa conexão que só uma viagem assim proporciona. É uma experiência que envolve responsabilidade, amadurecimento e disciplina: acordar cedo todos os dias, se arrumar sozinho, tomar café da manhã, colocar os equipamentos, ir para a montanha praticar o esporte, voltar cansado, almoçar bem, descansar um pouco, aproveitar a

piscina e depois retornar para mais uma sessão no fim da tarde. E tudo isso sem celular, sem tablet, sem televisão. É uma conexão pura: com a natureza, com o filho, ou com o pai, no ponto de vista dele. É fazer esporte, se alimentar bem, dormir bem. Talvez, se não fosse uma viagem assim, a gente levasse muito mais tempo para transmitir a importância de tudo isso. Subir o lift ao lado do teu filho, tentar explicar como será a descida, antecipar os movimentos, orientar para ele cuidar aqui, prestar atenção ali, e ver que ele se cuida direitinho, que dá tudo certo. Descer a montanha e enxergar teu filho um pouco à frente é uma sensação muito difícil de descrever. Talvez só se compare a fazer uma surf trip com teu filho e pegar a mesma onda que ele.”

Chillán

Foto arquivo pessoal

Luiz Juliano

Foto arquivo pessoal

“Esqui desde muito jovem e tive a oportunidade de participar dos primeiros grupos de crianças que o Beto Valle levou para a neve. Sempre fui apaixonado por esportes de inverno, comecei no esqui e depois migrei para o snowboard (lembro que o Beto não me deixava andar de snow kkkkk).

Como a Josi, minha esposa, não curte muito esse tipo de esporte, o grupo Pais & Filhos, criado pelo Sandro, foi a chance perfeita de dividir essa paixão

com meus filhos. Hoje eles também são apaixonados pela neve, e poder viver dias intensos ao lado deles é especial demais. Além de criar novas memórias, é uma forma de proporcionar um pouco do que vivi na minha infância. Essas experiências ficam para sempre na lembrança, e as pessoas com quem nos conectamos ao longo do caminho acabam se tornando amigos para a vida.”

BEM-VINDO

So X Club

PREMIUM ALL INCLUSIVE RESORTS



Club Med 

O Club da neve intocada

O Club Med convida você a transformar momentos em memórias inesquecíveis. Cada destino oferece cenários pensados para o descanso absoluto, celebrações em família e contato com a natureza.

Aventure-se nas melhores pistas de esqui com aulas para todos os níveis e Ski Pass incluído, garantindo liberdade total para aproveitar a neve com confiança e conforto. Cuide do corpo e da mente com aulas de yoga, spa e massagens. Descubra os sabores autênticos dos Alpes em uma experiência gastronômica única.

Explore paisagens deslumbrantes nos melhores destinos de neve da Europa, Canadá e Ásia, em uma **experiência Premium All Inclusive**, conduzida pelos nossos G.O Experts®.



*Guia de Preparação Física
e Prevenção de Lesões em Esportes de Neve.*

ANTES DA PRIMEIRA DESCIDA: UM GUIA PARA CHEGAR MELHOR NA TEMPORADA.



Apaixonado por esportes, entre eles o esqui na neve, o Dr. Paulo Henrique Ruschel uniu sua experiência como ortopedista, traumatologista e cirurgião da mão ao cotovelo (hoje na coordenação do Grupo de Cirurgia da Mão do Hospital Moinhos de Vento) à sua vivência nas montanhas para desenvolver este guia de preparação física e prevenção de lesões em esportes de neve. Ao seu lado, a Dra. Silviane Vezzani, fisioterapeuta esportiva pela Sonafe (ex fisioterapeuta da ATP), contribui com seu olhar técnico sobre condicionamento, força, mobilidade, propriocepção e retorno seguro à prática esportiva. Juntos, reuniram orientações práticas para que esquiadores e snowboarders possam aproveitar melhor a neve, com mais segurança, desempenho e consciência corporal.

O esqui e o snowboard são esportes de inverno que combinam alta demanda física, técnica refinada e exposição a condições ambientais extremas. Apesar de extremamente prazerosos e benéficos para a saúde, estão associados a riscos de lesões musculoesqueléticas e intercorrências clínicas, especialmente em praticantes ocasionais. A preparação adequada (clínica, física e técnica) pode reduzir significativamente esses riscos.

Preparação Física

A preparação deve começar de 8 a 12 semanas antes da viagem, com foco em quatro pilares:

1. Resistência Cardiovascular

- **Objetivo:** melhorar a capacidade do sistema cardiorrespiratório para sustentar o esforço e acelerar a recuperação.

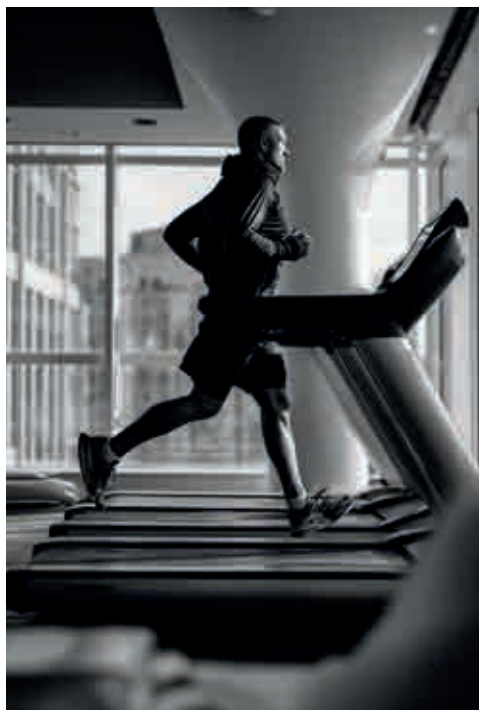
- **Atividades:** exercícios de 30-60 minutos, 3-4 vezes por semana. Inclua uma combinação de treino contínuo (corrida, bicicleta, natação) e treino intervalado de alta intensidade (HIIT), que simula as variações de esforço na neve.

O treino intervalado é excelente para simular as acelerações e desacelerações repentinas. Escolha uma atividade como corrida, bicicleta ergométrica, elíptico ou pular corda.

- **Aquecimento:** 5 minutos de atividade leve.

- **Intervalo:** alterne 30 segundos de esforço máximo (sprint) com 1 minuto de recuperação ativa (ritmo lento). Repita essa sequência de 8 a 10 vezes.

- **Resfriamento:** 5 minutos de alongamento leve.



2. Força e Potência Muscular

A força excêntrica dos músculos do quadríceps e a força do core (músculos que envolvem tronco e abdominais) são cruciais para a estabilidade do joelho e da coluna, respectivamente e para a execução correta da técnica do esqui e snowboard.

Membros Inferiores (ênfase)

- **Agachamento (Squats):** fortalece quadríceps, isquiotibiais e glúteos.

- **Afundo (Lunge):** trabalha estabilidade, equilíbrio e força unilateral, imitando a ação de uma perna à fren-

te da outra.

- **Salto (Pliométrico):** treinam a capacidade de absorver e gerar força explosiva. Box jumps (saltos na caixa) e pular corda também são ótimos para isso.

- **Core:** um core forte protege a coluna, melhora a transferência de força entre membros inferiores e superiores e otimiza a postura equilibrada e prepara o corpo para mudanças de direção.

- **Prancha (Plank) e suas variações (prancha lateral):** essenciais para a estabilidade do tronco, ativação da musculatura como um todo.

- **Ponte (Glute Bridge):** é um exercício simples e muito eficaz para fortalecer a cadeia muscular posterior do corpo. Fundamental para quem quer evitar dores e lesões na região lombar e posterior da coxa.

- **Membros Superiores (Snowboard):** para snowboarders, o fortalecimento dos punhos e braços é crucial para prevenir lesões.

- **Reforço de punho e antebraço (Wrist Curls):** fortalecem os músculos flexores e extensores do punho.

- **Exercícios com peso corporal:** flexões (push-ups). Realize sempre pensando no gesto esportivo. Faça com apoio unilateral, ou utilizando o rolo de abdominal.



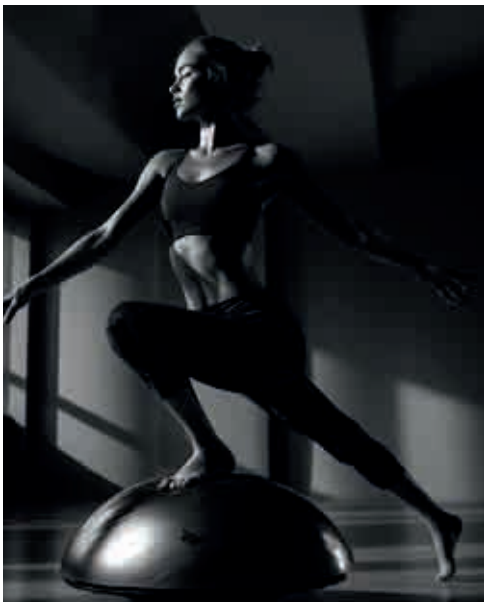


3. Propriocepção (controle neuromuscular)

A propriocepção, ou a percepção da posição do corpo no espaço, é o principal mecanismo de prevenção de entorses e quedas. O terreno irregular e o movimento dinâmico do esqui e snowboard exigem um sistema proprioceptivo refinado.

Atividades

- Treino de equilíbrio em uma perna: com olhos abertos e fechados.
- Utilização de superfícies instáveis: tábua de equilíbrio (balance board) ou bosu.
- Agachamentos em uma perna (Single-Leg Squats): desafiam a força e a estabilidade simultaneamente.



4. Flexibilidade e Mobilidade

Músculos e articulações com boa mobilidade reduzem o risco de lesões musculares e entorses.

Atividades

- Alongamento estático: após o treino. Focar em quadríceps, isquiotibiais, glúteos e panturrilhas.
- Alongamento dinâmico: antes de cada sessão de treino, ajuda no aquecimento. Incluir balanços de perna e braço e deve ser realizado em movimentos progressivos e contínuos.



Prevenção de Problemas Cardiológicos

Indivíduos acima de 35 anos

Realizar avaliação médica prévia (teste ergométrico ou equivalente). Importante consultar o seu cardiologista, mesmo em pacientes mais jovens.

O esforço em altitude aumenta a demanda cardíaca

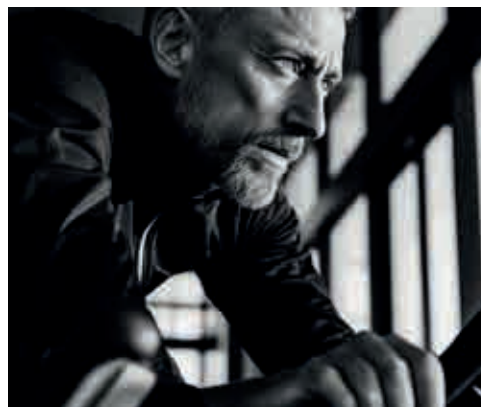
Pacientes com histórico cardiovascular precisam de avaliação específica.

Cuidados

Aclimação, progressão gradual, aquecimento e atenção à hidratação reduzem risco.

Cardiopatias

Indivíduos com cardiopatias conhecidas devem passar por avaliação especializada com base no statement ACC/AHA 2025 de participação esportiva. American College of Cardiology (ACC) e American Heart Association (AHA).



Dicas adicionais

Aquecimento Dinâmico

Antes de cada sessão na neve, realize um aquecimento de 5-10 minutos. Inclua polichinelos, agachamentos sem peso e balanços de perna para preparar os músculos e aumentar o fluxo sanguíneo. O aquecimento é um fator padrão ouro de prevenção de lesões.

Equipamento Adequado

Ajuste da bota para esquiadores deve ser ajustada por um profissional, de acordo com peso, altura, idade e nível de habilidade. Um ajuste incorreto é um dos principais fatores de risco para lesões do joelho.

Capacetes e Protetores

O uso de capacete é obrigatório para prevenir lesões cranioencefálicas. Snowboarders, em particular, devem considerar o uso de protetores de punho (wrist guards).

Consciência e Fadiga

A maioria das lesões ocorre no final do dia, quando a fadiga se instala. Reconhecer os sinais de cansaço e fazer pausas regulares é fundamental.

Aulas com Instrutor

Para iniciantes e até para quem deseja aprimorar a técnica, aulas com instrutores certificados são essenciais. A técnica correta de queda e de curva é um dos maiores fatores de prevenção de lesões.

Aclimação à altitude

Evitar esforço máximo nos primeiros dias.

Nutrição e hidratação

Manter ingestão de líquidos e cuidado com o álcool.

Sono adequado

Reduz risco de fadiga e quedas.

Quer se preparar melhor para a neve?

Este conteúdo é um resumo do guia completo de preparação física e prevenção de lesões em esportes de neve, desenvolvido pelo Dr. Paulo Henrique Ruschel e pela Dra. Silviane Vezzani.

Para quem vai esqui ou praticar snowboard, a prevenção começa antes da viagem: condicionamento físico, fortalecimento, mobilidade, cuidados com equipamentos, aquecimento, fadiga, altitude e atenção às lesões mais comuns fazem diferença na segurança e no aproveitamento da experiência.

Aponte a câmera do celular para o QR Code e confira o guia completo.

Ele reúne orientações práticas para você chegar melhor preparado à montanha e aproveitar a neve com mais segurança.





Foto Jacs Ward na Unsplash



Foto Rayyu na Unsplash



Foto Rayyu na Unsplash



Foto Redcharlie na Unsplash

BLEND

Blend é nossa curadoria de viagens exclusivas para destinos fora do universo do esqui. Explora lugares como Sicília, Caribe, África do Sul, Maldivas, Israel e outros tantos. Sempre com roteiros únicos, experiências autênticas e aquele olhar detalhista que é a nossa marca.



Foto arquivo pessoal

Pedro Cirne Lima

Viagem para o Peru em 2025.

“A viagem para o Peru foi maravilhosa. Hotéis e passeios muito bem escolhidos dentre as várias opções apresentadas pelo Blend.

Foi bom chegar em Lima dois dias antes do início do roteiro, porque no sábado, pudemos passear por Miraflores, onde ficava nosso hotel e, no domingo, conhecer a Huaca Pucllana (pirâmide da civilização Lima que fica no bairro) e o Lugar de la Memoria, la Tolerancia y la Inclusión Social (museu que conta, entre outras, a história do grupo terrorista Sendero Luminoso), além de passear pelo centro. Depois, na segunda, já inseridos no programa, visitamos o Museo Larco (fantástico), a Catedral e a Casa Alliaga, acompanhados por um guia excelente. A gastronomia é um capítulo à parte, até porque a família é apreciadora dos frutos do mar e, em especial, do ceviche.

Dos restaurantes mais simples aos mais requintados, se come e bebe muito bem.

De Lima, voamos para Cusco, onde passamos dois dias visitando os templos e construções e sítios arqueológicos Incas (Coricancha, Sacsayhuamán, Qenqo, Puca Pucará, Tambomachay), além do Convento Santo Domingo, Catedral Basílica da Virgem de Assunção, museus, etc. Passeamos pelas ruas históricas e, para variar, comemos muito bem.

De lá, ainda baseados em Cusco, iniciamos a visita

ao Vale Sagrado, passando pelos terraços de Moray (onde os Incas desenvolviam sua agricultura para os diferentes microclimas do império), e pelas minas de sal de Maras.

No dia seguinte, fomos a Chichero e, depois do almoço, à inesquecível fortaleza de Ollantaytambo. Dormimos em um hotel fantástico em Urubambo e, na manhã seguinte, pegamos o trem rumo a Águas Calientes.

Chegando lá, o guia nos aguardava para visitarmos Macchu Picchu, que é realmente deslumbrante. Fizemos a Rota 2, que contempla o circuito clássico e o terraço superior, e dura aproximadamente 2h30 min. Fez um dia lindo e valeu muito à pena.

Dali, retornamos para Águas Calientes, onde almoçamos à beira do rio e descansamos à tarde e passamos a noite, para pegar o trem de volta a Urubambo e, de lá, um ônibus de volta a Cusco, de onde embarcamos na manhã seguinte para Porto Alegre.

O passeio foi sensacional, assim como a assistência do Blend que, além de indicar excelentes opções de hotéis e contar com uma excelente parceira local (Lima Tours), esteve sempre disponível, via WhatsApp, para esclarecer alguma dúvida.

Recomendamos demais, tanto o destino quanto o Blend, que nos conduziu por essa experiência com um serviço nota 10!”



Foto arquivo pessoal



Foto Vitaliy Paykov na Unsplash



Foto Kelly Arnold na Unsplash



Foto Bruno Aguiar na Unsplash



Foto Sam Ferrara na Unsplash

BTXperience

Organizada pelo Blend, a quarta edição do evento encontrou em Comandatuba o cenário perfeito para reafirmar sua essência: viajar bem é também viver intensamente. Entre os dias 14 e 18 de maio, o Transamérica Resort Comandatuba se transformou em ponto de encontro de quem entende que experiência se constrói nos detalhes — do conforto impecável do all inclusive à energia vibrante das quadras. Com curadoria precisa, o roteiro costurou clínica e torneio de beach tennis comandados por Felipe Alencastro, momentos de lazer, muito sol e uma atmosfera que alternava entre performance e celebração, reunindo um pacote completo com hospedagem, transfers, atividades e experiências pensadas para aproveitar a ilha em todas as suas dimensões.



Foto arquivo pessoal

Jaqueline Marx

Viagem de família para comemorar o aniversário de casamento dos pais na Itália.

“A nossa viagem em grande família foi uma aventura linda de viver! Fomos seguros! O grande diferencial da Blend na minha opinião é o atendimento

atencioso! A Elisa entendeu por mensagens o que eu queria de verdade! Ficar hospedada em locais estratégicos, confortáveis e com cara de casa! O Borgo que

ficamos em Siena ainda parece um filme na nossa memória! Cheio do que existe em nossas raízes porém ainda mais encantador!”



Foto arquivo pessoal



Foto arquivo pessoal



Foto arquivo pessoal

GALERIA 25/26

*A gente poderia falar de neve, de montanha, de roteiro.
Mas no fim, é sempre sobre pessoas.*



Marcella Maiara, João Sampaio, Natália Garofalo e Eduardo Sampaio - Peisey Vallandry 2026



Grupo Japão 2026



Lizie Taguchi - Valle Nevado 2025



Marcio Zilio e Ariane Eckert - Japão 2026



Eduardo Machado e família - Megève 2026



Rafael Cavilha e família - Alpe D'Huez 2026



Grupo Ski Week em Família - Alpe d'Huez 2026



Vasco Costa Gama, Marina Costa Gama, Eduarda Costa Gama, Helena Costa Gama, Marco de Carli - Tignes 2026



Pedro Dahne, Marta e Pedro Hemb, Rafa Borin, Gustavo Caetano e David Amorim - Aspen 2025



Abra o Spotify, escaneie o Spotify Code e ouça a música inspirada na Galeria.



Marcus Albuquerque e família - Les Deux Alpes 2026



Grupo Pais e Filhos - Chillán 2025



Luciane Dalmolin e família - Valle Nevado 2025



Isabela Bourguezi Diogo e Ana Helena Caldas - Andorra 2026



Fabrizia e Claudio Gavioli - Cervinia 2026



Grupo Ski Week em Família - Grand Massif 2026



Luis Augusto Lemos - La Rosière 2026



Raony Leite e Brenda - Chillán 2025



Rafael Pandolfo e família - Portillo 2025

Belambra clubs

BELAMBRA, SUAS FÉRIAS DE ESQUI ALL INCLUSIVE

Viva uma experiência única nos mais belos resorts dos **Alpes Franceses** com a nossa seleção de clubes 5B.

Se a sua prioridade é viajar sem se preocupar com nada, os pacotes **All Inclusive** do Belambra são ideais: **gastronomia variada**, après-ski animado, snacks a tarde, open bar, **animação**, **clubes infantis**, acompanhamento das crianças até as aulas de esqui em grupo, **áreas de bem-estar**, **tratamentos no Nama Spa e piscinas**.

A equipe da Belambra cuida de tudo para que você aproveite cada momento com conforto e praticidade. Para facilitar ainda mais, os clubes contam com lojas de aluguel de equipamentos de esqui no próprio local.

Tudo é pensado para que você aproveite ao máximo sua ski week. Com acesso direto às pistas, os clubes estão em alguns dos destinos mais desejados da França, como Avoriaz, Tignes, Arc 1800, Flaine, Les Deux Alpes, entre outros.

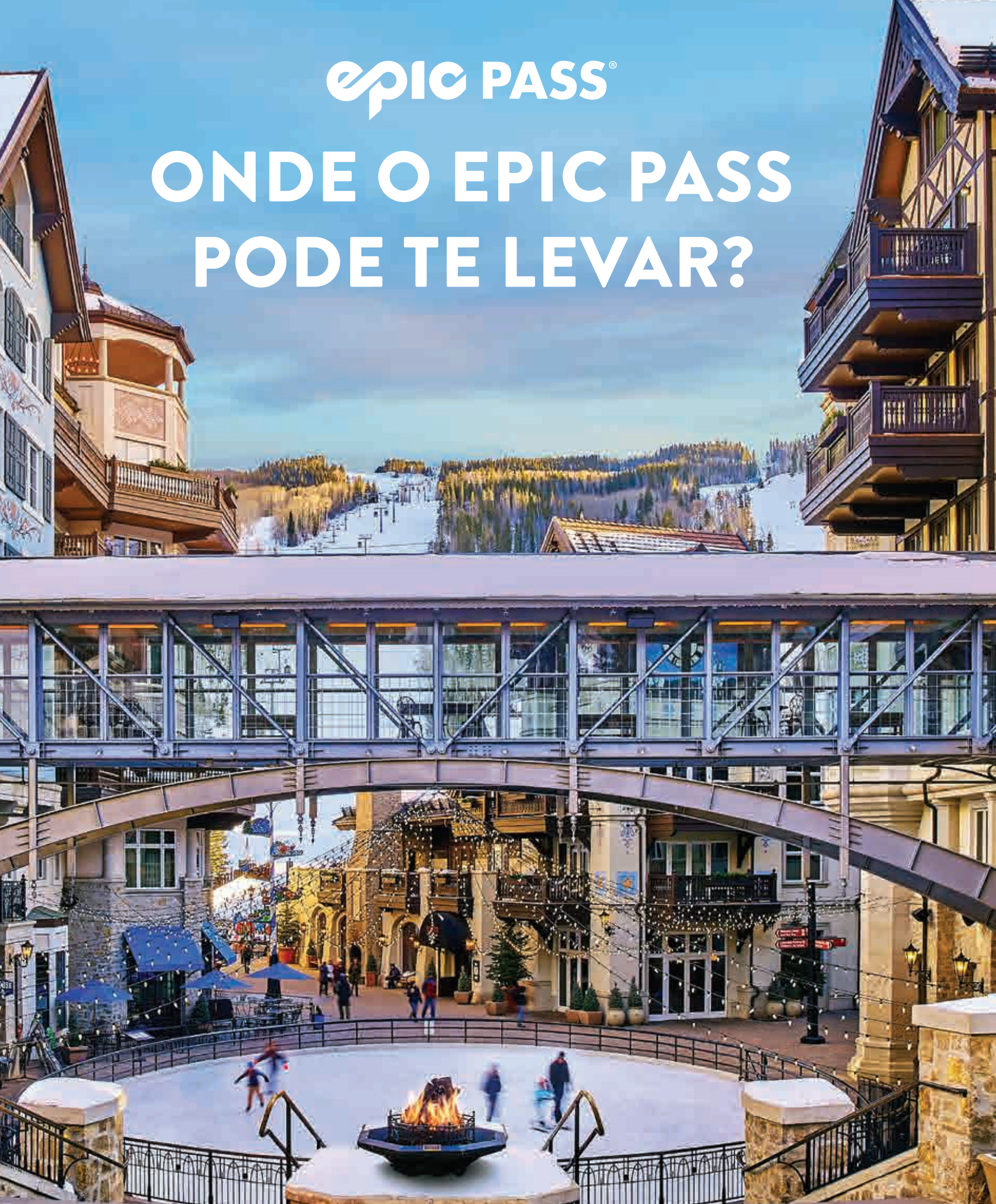


Crédito das fotos: Interaview, Jérôme Carret.



epic PASS[®]

ONDE O EPIC PASS
PODE TE LEVAR?





**Explore mais de 80 resorts em destinos na
América do Norte, Europa, Japão e Austrália.**

[EPICPASS.COM](https://www.epicpass.com)



 **POINT**
DA NEVE